

*Clássicos da Literatura Brasileira*

# Diva

José de Alencar

Ilustrações:  
Eduardo Schloesser



*Clássicos da  
Literatura Brasileira*

*Clássicos da Literatura Brasileira*

# Diva

José de Alencar

# Diva

José de Alencar

## Ilustrações

Eduardo Schloesser

## Editoras

Isabela Nóbrega  
Márcia Regina Silva

## Leitura, adaptação e revisão

Malthus de Queiroz

## Direção de arte

Wilton Carvalho

## Diagramação

Roseane R. Nascimento

## Coordenação Editorial



## Direitos reservados à

### Editora Prazer de Ler Ltda.

Rua Neto Campelo Júnior, 37  
CEP: 50760-330 - Mustardinha - Recife / PE  
Fone: (81) 3447.1178 - Fax: (81) 3422.3638  
CNPJ: 14.605.341/0001-03

Impresso no Brasil

M152d Queiroz, Malthus de, 1976-  
Diva /José de Alencar ; adaptação Malthus de Queiroz;  
ilustrações: Eduardo Schloesser. – Recife : Prazer de Ler, 2012.  
112p. : il. – (Clássicos da literatura brasileira).

1. FICÇÃO INFANTOJUVENIL – PERNAMBUCO. I. Schloesser,  
Eduardo, 1962-. II. Título. III. Série: Clássicos da literatura brasileira.

CDU 869.0(81)-93  
CDD 808.899 282

PeR – BPE 12-0327

ISBN: 978-85-8168-194-8

As palavras destacadas de amarelo ao longo do livro sofreram  
modificações com o novo Acordo Ortográfico.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

**Diva**

# A G. M.

Envio-lhe outro perfil de mulher, tendo modelo vivo, como o primeiro. Este, a senhora pode permitir que sua neta leia.

É natural que deseje conhecer a origem deste livro; **adianto-me** pois a sua pergunta.

Foi em março de 1856. Havia dois meses que eu tinha perdido a minha Lúcia; ela tinha preenchido tanto a vida para mim que, partindo, deixou-me isolado neste mundo indiferente. Senti a necessidade de dar ao calor da família uma nova cor à minha alma usada pela dor.

Parti para o Recife. A bordo encontrei o Dr. Amaral, que vira algumas vezes nas melhores salas da corte. Formado em medicina, havia um ano apenas, com uma vocação decidida e um talento superior para essa nobre ciência, ele ia a Paris fazer na capital da Europa, que é também o primeiro hospital do mundo, o estágio quase obrigatório dos jovens médicos brasileiros.

Amaral, moço de vinte e três anos, era uma natureza mestiça de sangue europeu, calma e serena, mas não fria; porque **sentia-se** em torno dela o doce e calmo calor das paixões em repouso. Minha alma magoada devia pois achar, nesse contato brando e suave, a delícia do corpo abatido, recostando-se em leito macio e fresco.

Quanto a mim, Lúcia desenvolvera com tanto vigor em meu coração as potências do amor que me cercava uma espécie de atmosfera amante, uma evaporação do sentimento que transbordava. Havia em meu coração tal riqueza de afeto que era suficiente para distribuir a tudo quanto eu via e ainda sobrar.

Essa condição boa de amante, que eu tinha em toda a minha pessoa, exerceu sobre meu companheiro de viagem influência igual à que produzira em mim sua grande calma. Ele fora um repouso para minha alma; eu fui um estímulo para a sua.

Sucedeu o que era natural. Desde a primeira noite passada a bordo, fomos amigos. Essa amizade nascera na véspera, mas

Diva

já era velha no dia seguinte. As confidências a encheram logo de um aroma de nossa mútua infância.

Separamo-nos em Pernambuco, apesar das insistências de Amaral para que eu o acompanhasse à Europa. Durante dois anos, nos enviamos cartas com pontualidade e sentimento dignos de namorados. Em sua volta estive comigo no Recife; escrevi-lhe ainda para o Rio; mas pouco tempo depois minhas cartas ficaram sem resposta, e nossa correspondência foi interrompida.

Passaram-se meses.

Um belo dia, recebi uma carta de Amaral; envolvia um volumoso manuscrito e dizia:

“Adivinho que estás muito chateado comigo, e não tens razão.

Há tempos me escreveste, pedindo-me notícias de minha vida íntima: desde então comecei a resposta, que só agora concluí: é a minha história numa carta. Foste meu confidente, Paulo, sem o saberes; a só lembrança da tua amizade bastou muitas vezes para me consolar, quando eu derramava neste papel, como se fosse o invólucro de teu coração, todo o pranto de minha alma”.

O manuscrito é o que lhe envio agora, um retrato ao natural, a que a senhora dará, como ao outro, a graciosa moldura.

## I

Emília tinha quatorze anos quando a vi pela primeira vez.

Era uma menina muito feia, mas de uma **feiura** adolescente que promete a ela brilhos de beleza.

Há meninas que são como as rosas: passam de botão a flor: desabrocham. Outras são como certos passarinhos: enquanto não se enchem de plumas, são monstrosinhos; depois se tornam maravilhas ou obras perfeitas.

Emília era um passarinho ainda sem plumas; ou seja, um monstrosinho.

Seu crescimento tinha sido muito rápido; tinha já altura de mulher em perfil de criança. Daí uma excessiva magreza: toda

seiva que aquele organismo acumulava era consumida no desenvolvimento precoce da estatura.

Ninguém caracterizava com mais propriedade esse defeito de Emília do que a menina Júlia, sua prima.

Quando as duas se desentendiam, o que era **frequente**, Júlia a chamava de *esguicho de gente*.

Não parava aí a **feiura** da pobre Emília. A sua estrutura óssea tinha nos ombros, no peito e nos cotovelos pontudas saliências, que davam ao corpo um aspecto de dureza. Era uma boneca, desmantelada sempre pelo gesto ao mesmo tempo grosseiro e tímido.

Como ela tinha a cabeça constantemente baixa, a parte inferior do rosto ficava na sombra. A barba corria pelo pescoço fino e longo; faces, não tinha; a testa era espremida debaixo das pastas para cabelo, que repuxavam duas tranças compridas e grossas.

Restava apenas um pedaço de fisionomia para os olhos, o nariz e a boca. Esta rasgava o queixo de uma orelha à outra. O nariz seria bonito em outro rosto mais regular. Os olhos negros e muito grandes afundavam na sombra da sobrelanceira sempre carregada, como buracos, pelas órbitas.

Sobre as roupas, que é segunda pele da mulher e pétalas dessa flor animada, as da menina correspondiam a seu físico.

Elas eram compostas de um vestido liso e escorrido, que fechava o corpo desde a garganta até os punhos e tornozelos; de um lenço enrolado no pescoço; e de umas calças largas, que arrastavam, escondendo quase toda a bota.

Emília ainda assim não parecia satisfeita. Estava sempre se encolhendo, fazendo movimentos para mergulhar o resto do pescoço e o queixo no vestido e sumir as mãos no punho das mangas.

Caminhando, dobrava as curvas a fim de tornar comprida a saia curta; sentada, metia os pés por baixo da cadeira.

Tinha um cuidado muito grande em puxar para a frente as longas tranças do cabelo, que andavam sempre dançando em seu rosto, como antolhos<sup>1</sup> pelo rosto. Se alguma pessoa de intimidade da família falava com ela, não voltava as costas, como fazia com os estranhos; mas sentia logo uma necessidade invencível de coçar a cabeça, acompanhada por um movimento dos ombros.

<sup>1</sup> Peça que se coloca nas laterais dos olhos de alguns animais, como cavalo e burro.





SCHLIPPER!

Era como fazia para atravessar o braço diante do rosto e cobrir o queixo, escondendo assim o que restava de sua fisionomia.

Muitas vezes, o Sr. Duarte zombava com carinhosa ironia desses gestos da filha:

— Deixa, Mila!, ele dizia abraçando-a. — Vou mandar fazer para ti um saco de lã com dois buracos no lugar dos olhos.

Tal era Emília aos quatorze anos.

Entretanto, quem já conheceu a anatomia viva da beleza, saberá que havia nessa menina feia e sem graça o esboço de uma mulher grandiosa. O esqueleto estava ali: só precisava da carne.

Ainda me lembro da raiva infantil de Emília, quando, a primeira vez que estive com ela, eu a perseguia de longe a chamando:

— Minha noiva!

— Feio!, ela dizia então.

E pronunciava essa palavra como se ela simbolizasse a maior ofensa possível.

## II

O verão de 1855 tinha começado.

Uma manhã Geraldo apareceu em minha casa. Entrou, como de costume, fazendo barulho e cantarolando não sei qual música do seu repertório italiano.

— Vai ver minha irmã!, disse passando por mim e sumindo pelo interior da casa.

Voltou logo com o charuto aceso:

— Tua irmã?, perguntei sem compreendê-lo.

— Sim, Mila, que amanheceu com uma febre danada.

— Ah! É como médico que você me pede para ir ver tua irmã?

— Pois então! Vamos, vista-se; o carro está na porta à espera.

— Mas, Geraldo... Foi tua família que mandou me chamar?

— Foi meu pai.

— A mim, precisamente?

Diva

— E esta! Mandou-me chamar um médico; você é um. Logo...!

— Quem sabe! Talvez não inspire confiança em teu pai.

— Ora Deus! Ele não entende disso!

Ao entrar no carro, Geraldo se despediu:

— Não vem?

— Para quê? Não faço falta lá. Até logo!

Geraldo pertencia à classe dos homens que latejam a cabeça toda a vida e, já velhos, são ainda meninos de cabelos brancos. Não se admire, portanto, a falta de seriedade desse moço.

Cheguei à chácara do Sr. Duarte à uma hora da tarde.

A família estava na maior aflição. A menina ardia em febre desde a véspera, queixando-se de fortes pontadas sobre o coração. Todos os sintomas pareciam indicar um problema pulmonar.

No quarto, reinava uma fraca claridade que mal deixava ver os objetos. Emília caída no leito, sob as coberturas de lã, parecia inteiramente abatida na sonolência da febre. Sua tia, D. Leocádia, que agora fazia o papel de mãe, estava sentada à cabeceira.

— Minha senhora, eu disse, é necessário examinar seu peito.

— Então, Sr. doutor, aproveite enquanto ela dorme. Se acordar, não vai permitir.

A senhora afastou a ponta da cobertura, deixando o seio da menina envolvido com as roupagens de linho.

Mal encostei o ouvido ao seu corpo, ela teve um forte movimento, e eu não pude erguer a cabeça tão depressa, sentindo no meu rosto a doce pressão de seu colo ofegante.

O que passou depois foi rápido como o pensamento.

Ouvi um grito. Senti nos ombros choque tão brusco e violento que me afastou da borda da cama. Sobre esta, sentada, de busto erguido, dura e horrivelmente pálida, estava Emília. Os olhos como brasas brilhavam na sombra: aconchegando ao seio, com uma das mãos contraídas, as longas coberturas, com a outra estendida sob as amplas dobras do tecido, ela apontava para a porta.

— Atrevido!, reclamou o lábio cheio de raiva e indignação.

Fiquei sem ação. D. Leocádia me pediu que saísse um momento. Ao me retirar, o olhar da menina, impregnado de um ódio profundo, acompanhou-me até que desapareci na porta.

Com pouco o Sr. Duarte veio à sala.

— Peço mil desculpas, Sr. doutor, pelo que acaba de acontecer. Mila teve uma educação muito severa... Minha falecida mulher era nesse ponto de um rigor excessivo; muitas vezes mostrei o inconveniente disso... Mas, Sr. doutor, o senhor bem sabe quanto as mães zelam pela sua autoridade.

— Não se aflija, Sr. Duarte. Eu compreendi logo o que se passou. Sua filha não estava prevenida... acordou assustada...

— É verdade!

— Além do mais, eu sou quase um estranho para ela. Havia, portanto, motivos de sobra para o seu vexame. O recato é uma bela virtude em uma menina!

— Mas em minha filha é tanto que já parece vício.

— Vai mudar com a idade. Agora é melhor que o senhor a convença da necessidade de permitir...

— Já pedi e insisti tanto! Não quer ouvir falar disso.

— É um caso em que um pai deve fazer valer sua autoridade.

— Oh!, sinto que não teria ânimo! Nunca até hoje repreendi minha filha. Como faria isso agora que a vejo tão doente?

— Talvez não seja necessário recorrer a esse extremo. Por meios suaves!...

Duarte voltou ao quarto da filha.

Esse homem, que representa na família um papel importante por ser nulo, é negociante; trabalhou toda a vida para enriquecer; depois de rico só vive para ser milionário. Essa febre nele não é ambição, mas destino. Quer a riqueza para seus filhos, parentes e amigos; para ele, conserva a antiga mediocridade. Nunca até hoje o Sr. Duarte admitiu a menor alteração em seu sistema de vida e nos hábitos do homem pobre e trabalhador, que sempre foi.

A riqueza não fez dele um homem melhor nem pior; mudou de fortuna, não mudou de caráter, nem de sentimentos. O luxo, que desde muito tempo batia à porta de sua velha habitação, devia penetrá-la enfim, um belo dia, sem que ele tivesse consciência disso. Quase se pode afirmar que não percebeu. Para ele, essa grande revolução doméstica não passava de uma questão de pagamento, e portanto da competência do seu caixa.

Em resumo, Duarte tem uma dessas naturezas essencialmente mercantis, que nascem predestinadas para o negócio e só

Diva

respiram livremente na atmosfera do armazém. De resto, uma boa alma, metódica e fria, como deve ser uma alma acostumada ao balcão desde a infância e educada exclusivamente para os juros e a conta corrente.

Nessa alma, como nos canteiros de um jardim comum, não brota o arbusto das paixões, mas vem bem e com simetria a flor cultivada dos afetos calmos. Duarte ama sua família e gosta de seus amigos com sinceridade, mas passivamente, sem iniciativa. Capaz de qualquer sacrifício que exijam dele, nunca fez espontaneamente o mais insignificante favor. Não oferece, mas também não recusa dinheiro, como amizade.

O negociante voltou vexado:

— Ela recusa!, murmurou.

— Deste modo não sei o que faça. Entretanto a doença é grave.

— Por que então não receita?

— Não posso indicar um tratamento sem conhecer a doença.

— Pois, Sr. doutor, eu também não posso ser rigoroso com Mila, porque sei que isso seria matá-la mais depressa.

Duarte caiu sobre uma cadeira e se rendeu à dor: as lágrimas saltaram dos seus olhos.

— O que me parece mais acertado é o senhor chamar um médico de sua confiança, habituado a tratar a família.

— Já não existe!, exclamou com um soluço. Qualquer outro que venha me responderá o mesmo que o senhor! Meu Deus! Condenado a ver minha filha morrer, sem poder salvá-la.

— Bem, Sr. Duarte. Eu tratarei de sua filha.

A doença era realmente grave; nada menos do que uma pneumonia dupla. Tive de lutar contra a enfermidade rebelde e a resistência inflexível de uma menina acostumada a ver todas as suas vontades satisfeitas como ordens imperiosas.

Emília tinha tomado por mim tanto rancor que não me deixou mais entrar em seu quarto. Se adormecia e eu, avisado por Julinha ou por D. Leocádia, chegava perto da cama, mal tocava seu pulso, ela acordava assustada, passando os olhos inquietos pelo quarto.

Escondia-me então do lado da cabeceira, entre a parede e a cortina, e daí saía com cuidado pela porta.

Uma vez um olhar de Julinha nos traiu; ela me surpreendeu e gritou cobrindo o rosto:

— Tirem este homem daqui!

D. Leocádia e o irmão se inquietavam muito com os caprichos de Emília; mas não tinham nem a força nem a vontade de contrariá-la, embora temessem a cada instante que a minha sensibilidade se ofendesse com aqueles modos grosseiros.

Mas o meu orgulho de médico iniciante estava empenhado nessa cura. Era ela que devia me dar a consciência da minha força ou talvez a incerteza de uma carreira. Foi ela que decidiu do meu futuro.

Nunca, até então, eu tinha assumido a tremenda responsabilidade da conservação de uma vida, que um erro meu, um instante de hesitação, podiam sacrificar. E não era uma vida indiferente... Essa menina caprichosa, calma e indiferente à dor, **protegendo-se** como as virgens mártires do cristianismo para morrer pura... Essa menina me inspirava um estranho e vivo interesse.

Eu sentia, combatendo sua enfermidade, o que devem sentir os grandes artistas tratando um assunto difícil; raiva e desespero, quando a consciência da minha fraqueza contra as leis da natureza me atormentava; alegrias imensas, quando meu espírito, tirando forças da ciência e da vontade, dava conta da doença e a dominava por instantes.

Uma vez perdi a esperança.

D. Leocádia cochilava muito cansada à cabeceira da cama. Emília não dava mais sinal de si.

Aproximei-me; a máscara da morte cobria aquele rosto delicado. Sentei-me à borda da cama e não pude conter as gotas de lágrimas que saltaram dos meus olhos.

Santa virgindade das emoções, primeiras gotas de orvalho do coração, que a dureza do mundo detém tão depressa! A quantos espetáculos dolorosos eu tenho assistido depois com os olhos enxutos e o espírito calmo!

D. Leocádia abriu os olhos:

— Não há mais esperança, doutor?

Diva

Enxuguei as lágrimas envergonhado e achei em mim uma energia nova. Tentei os últimos recursos. Um mês lutei com a dissolução que invadia esse corpo frágil, disputando com as garras da morte os restos da sua vida que faltava devorar. Tinha, a pedido do Sr. Duarte, ficado em sua casa; e a isso, a esse cuidado sem fim de todas as horas e de todos os momentos, devo o resultado que obtive.

Venci afinal. Eu mal sabia da influência que devia ter no meu destino essa existência, cujos frouxos clarões, prestes a se apagarem, eu tinha reanimado com o brilho de minha alma.

Emília entrou em período de recuperação. A gratidão do pai foi sincera; sua recompensa, generosa. Aceitei a primeira e recusei a última.

— Por quê?, você me perguntaria talvez.

Era como disse o meu primeiro triunfo em medicina; trabalhei para ele como o sacerdote de minha nova religião. Por um desses movimentos misteriosos do coração que não se explicam, quis consagrá-lo unicamente à ciência, livre e puro de todo o interesse financeiro. Tal foi o motivo de minha recusa, e não mal-entendida vergonha de receber a justa remuneração de tão nobre serviço.

Escrevi ao Sr. Duarte mais ou menos o seguinte:

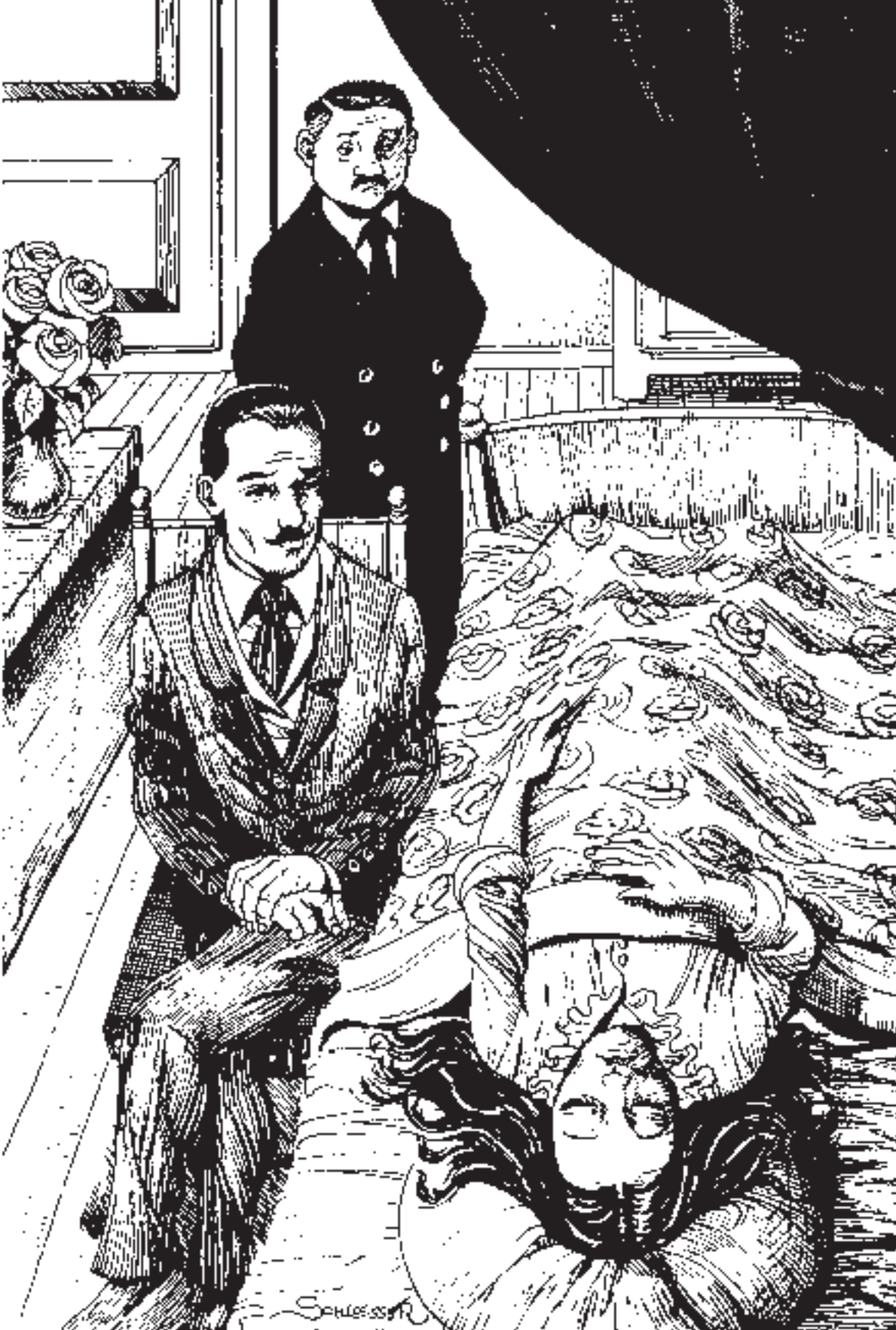
“Foi Deus quem salvou D. Emília; a ele devemos agradecer; o senhor, a vida de sua filha; eu, minha felicidade.

Meu primeiro doente foi para mim como um primeiro filho. As emoções que senti lutando com a doença, as angústias por que passei nas suas piores, o desespero de minha fraqueza nesses momentos, um pai deve compreender.

Essas emoções só podiam ter uma recompensa. Já a recebi do meu coração. Foi a pura e santa alegria de devolver a vida querida que tinha sido confiada a mim. Substituí-la por outra não seria generoso de sua parte, Sr. Duarte”.

O negociante ainda me procurou e insistiu, mas inutilmente. Afinal lhe disse:

— Eu reconheço, Sr. Duarte, que faço uma violência à sua generosidade. Mas, em compensação, prometo ao senhor: começo a minha vida; é possível que alguma vez me veja em necessidade. Nesse caso recorrerei ao senhor!





Diva

— Promete?

— Dou minha palavra.

Pouco tempo depois, fui à Europa, onde demorei perto de dois anos. Fizemos juntos até Pernambuco a viagem, da qual nasceu a nossa boa e sincera amizade. Se não me engano, em nossas conversas íntimas a bordo, falei a você alguma vez dessa família, mas sem os detalhes de agora.

Então, a luz intensa da paixão, que veio depois, ainda não tinha desenhado, como impressão nas páginas do coração, a imagem viva dessa menina.

### III

Voltando da Europa, a primeira visita que recebi foi a do Sr. Duarte.

Tinha me despedido dele e de sua família; nessa ocasião ainda, apesar dos esforços do pai, Emília não me quis aparecer. Eu não ligava mais para o vergonhoso desprezo da menina.

Visitando o negociante, vi, ao entrar na sala, uma linda moça, que não reconheci.

Estava só. De pé na janela cheia de luz, meio reclinada ao parapeito, tinha na mão um livro aberto e lia com atenção.

Não é possível imaginar nada mais puro e harmonioso do que o perfil dessa estátua de moça. Era alta e magra. Tinha uma dessas figuras elegantes e ousadas, que são hastes de lírio para o rosto agradável; porém na mesma delicadeza da aparência se esculpam os contornos mais graciosos com firme nitidez das linhas e uma deliciosa suavidade nos relevos.

Não era branca, também não era morena. Sua pele tinha a cor das pétalas da magnólia, quando vão desmaiando ao beijo do sol. Graciosa cor de mulher, se a adolescência suaviza, a luz escoia pelo fino tecido e um sangue puro surge de tons róseos. A dela era assim.

Uma nobreza de rainha envolvia seu rosto, como diadema brilhando na cabeça de um anjo. Havia em toda a sua pessoa algo de sublime e admirável que não a fazia parte da terra. Contemplando-a naquele instante de enlevo, podia se dizer que ela se preparava para sua subida ao céu.

Às vezes, porém, a impressão da leitura transformava a elevação da sua figura e despertava nela a mulher. Então atirava alma por todos os poros. Os grandes olhos, feito veludo pela cor negra, rasgavam-se para emitir as centelhas elétricas do nervoso organismo. Nesses momentos toda ela era somente coração, porque toda ela palpitava e sentia.

Eu tinha parado na porta e admirava: afinal me adiantei para cumprimentá-la. Ouvindo o rumor dos meus passos, ela se voltou.

— Minha senhora!, murmurei me inclinando.

As cores fugiram dela. Ela se vestiu com uma espécie de cobertor pálido e glacial: logo depois sua fisionomia escureceu, e eu vi lampejos fuzilarem na densidade de uma raiva repentina.

Fulminou-me com um olhar imponente e desapareceu.

Você me acredita, Paulo, que essa moça que descrevi era Emília, a menina feia que eu tinha deixado dois anos antes? Que maravilhoso trabalho de florescimento a natureza tinha realizado nessa mulher!

Emília teria então dezessete anos. Sentia-se, olhando-a, a influência misteriosa que um espírito superior tinha exercido na revolução ocorrida em sua pessoa. Os trajes, que não refletiam os encantos que ocultavam, eram de um molde rígido; mas havia, no gracioso da forma e na combinação do enfeite, uns toques artísticos, que se revelavam também no encorpado trançado do luxuoso cabelo negro.

Voltei impressionado por essa visão em pleno dia.

Se a transformação de Emília tinha produzido em mim uma admiração grande, maior foi a humilhação que sofri com o seu desdém. Já não era uma menina; estava moça e não me devia só a atenção a que tem direito o homem delicado, devia-me gratidão.

— Talvez não saiba!, disse eu comigo.

Nos dias que se seguiram, surgiu algumas vezes em meu espírito aquela imagem de moça; mas essa lembrança me incomodava.

Diva

Uma tarde me encontrei com o irmão:

— Ia à tua casa!, disse Geraldo.

— Pois vamos.

— Não. Já que te encontrei, poupa-me desse aborrecimento.

Minha tia manda te dizer que amanhã vai haver um chá em sua casa. Julinha faz aniversário.

— Ah! D. Matilde?...

— Sim. Adeus.

— Espera.

— Não posso. Ainda vou à chácara e tenho de voltar para o teatro.

D. Matilde é casada com um irmão de Duarte. Seu marido vive constantemente na fazenda, trabalhando para tirar os elevados rendimentos necessários ao luxo que sua família ostenta. Ainda moça, bonita e muito elegante, ela é perdida pela adoração de sala.

Sua casa nobre em Matacavalos é ponto de reunião diária para uma parte da boa sociedade do Rio de Janeiro. Todas as noites as salas ricamente enfeitadas se abrem às visitas habituais. Nos domingos há jantar para um círculo mais escolhido. De mês em mês aparece um pretexto qualquer para um baile.

Não falo desta casa somente por ter sido uma cena no drama de minha vida. Foi também, como você soube depois, uma escola para Emília.

Essa moça tinha, desde pouca idade, o espírito mais cultivado do que faria supor o seu natural acanhamento. Lia muito e já de longe penetrava o mundo com olhar perspicaz, embora através das ilusões douradas. Sua imaginação tinha sido educada a tempo: ela desenhava bem, sabia música e a executava com maestria; superava-se em todos os trabalhos de agulha, que são qualidades da mulher.

— Eu nasci artista!, ela me disse muitas vezes sorrindo.

E, realmente, havia em sua alma a faísca divina que forma essas grandes artistas de sala, que nós chamamos *senhoras elegantes*: artistas que, por esculpirem imagens vivas e em seda e veludo, não são menos sublimes que o escultor quando trabalha no mármore a beleza sem vida.

Mas faltava ainda à inteligente menina o tato fino e o suave colorido que o pintor só adquire na tela e a mulher na sala, que também é tela para o painel de sua beleza. Foi nas reuniões de D. Matilde que Emília deu os últimos toques à sua especial elegância.

Não copiou, nem imitou. Começando a aparecer na casa da tia pouco tempo antes da minha volta, ela observava. Seu bom gosto se apurou; um belo dia tornou-se outra; a elegância teve nela um molde seu, próprio e original.

Quando, aos dezoito anos, ela finalizou esse primor de escultura viva e poliu a estátua de sua beleza, atingiu o sublime da arte.

## IV

Eu tinha entrado pouco na casa de D. Matilde naquela época. O convite me surpreendeu; e ainda mais quando, no dia seguinte, recebi um cartão de visita da senhora com palavras carinhosas.

Tive mais tarde a explicação dessa e de muitas outras finezas que recebi de toda aquela família. O pai e as tias de Emília queriam, com as repetidas provas de sua bondade, apagar qualquer ressentimento que os modos grosseiros da menina, agora moça, pudessem gerar no meu espírito. Muitas vezes procuravam justificar esse comportamento pelo seu acanhamento exagerado.

O baile foi esplêndido<sup>2</sup>. D. Matilde triunfava, no meio de suas rivais e aos olhos de seus adoradores.

Lá estava Emília.

A flor selvagem de sua gentileza ainda não tinha se adaptado à atmosfera do baile. Ela perdia seu charme à noite e no meio do salão enfeitado pelas mais elegantes belezas da sociedade. Não havia ali nem um suave sinal do inocente desalinho, que eu tinha visto nela antes; nem o brilho radiante, que tanto admirei depois. Era o amanhecer de uma rosa, que tinha sido germinada à noite e ainda não havia desabrochado ao sol.

<sup>2</sup> Grandioso, excelente, maravilhoso.

Diva

Estive conversando com D. Leocádia algum tempo; quando me levantei, ela perguntou:

— Não dança, doutor?

— Pode ser, minha senhora.

— Dance...! Olhe! Vá tirar Mila.

E a boa senhora mostrou a sobrinha sentada a alguma distância.

Eu me aproximei. O baile já tinha perdido a simetria da entrada, no meio da confusão que é o seu maior encanto: a música, as vozes, os risos, os rangidos das sedas, os burburinhos da festa enchiam o salão.

No meio dessa multidão alegre, Emília tinha uma atitude de animal assustado, arrepiando os pelos macios e tremendo aos menores barulhos da floresta. A menor palavra, um vestido que roçava, uma sombra que se projetava a assustavam. Contudo, às vezes, com força de vontade, ela arrancava dessa mesma timidez ingênuas audácias, que uma senhora não teria: levantava a fronte com arrogante desdém e encarava qualquer homem que a olhava.

Cumprimentei-a. Inclinou a fronte, não para responder, mas para evitar meu rosto. Quando lhe pedi que dançasse comigo, creio que ela fez um grande esforço, porque o seu pescoço de cisne perdeu a doce flexibilidade: ergueu a cabeça com certa aspereza<sup>3</sup>.

Pôs os olhos em meu rosto e fez correr em mim um olhar frio e gelado, que me deu medo.

— Não, senhor — disse com a voz seca e grosseira.

Eu ainda estava imóvel diante dela, quando chegou apressado o Barbosinha:

— Já tem par para esta dança, D. Emília?

— Ainda não, senhor — ela respondeu com a pronúncia clara e vibrante.

— Então, faz-me a honra de dançar comigo?

Levantou-se para tomar o braço do cavalheiro. Eu tive uma tontura de raiva; era a segunda vez que essa menina me humilhava.

D. Leocádia passou nessa ocasião.

— Ah! Não quis dançar com Mila?

<sup>3</sup> Dureza, dificuldade. No texto, pode ser lido como “má vontade”.



SCHLESER

Diva

— Ao contrário, não mereci essa fineza da parte dela.

— Pois ela recusou?, disse a senhora contrariada.

— Naturalmente já tinha par, D. Leocádia.

Emília, que tinha se colocado para a dança a pequena distância, voltou-se rápida ao ouvir as minhas palavras. Um fino sorriso de ironia passou rapidamente entre seus lábios.

— Vou avisá-la para que dance a seguinte — havia me respondido a tia.

— Perdão, D. Leocádia! Teria o maior prazer com isso, mas... eu já estou de saída.

— Já, doutor?, disse D. Matilde, que atravessava o salão.

— Dê-me o seu braço. Então, como é isso? O senhor já está de saída?

— Estava com essa intenção, D. Matilde; mas agora me admira como pensar nisso.

— Ah! É cata-vento<sup>4</sup> assim?

— E quem não é, quando o sopro vem perfumado da mais linda boca?

— Eu devia puni-lo pelos elogios obrigando-o a dançar comigo esta dança...

— Isso seria a minha recompensa.

— É mesmo?... Pois vou lhe dar outra mais doce.

D. Matilde fez com o leque um aceno à filha:

— Julinha?

— Mamãe!

— Dance com o Sr. Amaral e veja se você consegue fazê-lo esquecer as horas.

— Ao menos a punição é generosa: o original foge, mas deixa a cópia.

Isso foi dito enquanto a menina trocava algumas palavras com uma amiga. D. Matilde esperava o meu cumprimento e o agradeceu com carinhoso sorriso:

— Antes que me esqueça, doutor — disse-me ela — nós estamos em casa todas as noites que não forem de baile ou teatro; e nas quintas-feiras especialmente.

A prima e companheira de infância de Emília era uma moça

<sup>4</sup>No sentido figurado, quer dizer pessoa inconstante, que muda de ideia facilmente.

muito elegante. Parecia com a mãe somente no rosto: não tinha porte alto nem elegante, mas muito **benfeito**.

Julinha nunca procurou agradar ninguém; faltavam nela o orgulho de sua beleza e a inveja da beleza alheia. Mas, educada na sala, vendo o charme materno, tinha perdido cedo o puro perfume. Desde menina habituou-se a ser mimada no colo e beijada por todos que **frequentavam** a casa.

Deus a tinha feito muito boa e cheia de compaixão; por isso, quando a idade do coração chegou, ela não soube recusar as carícias ao amor, que foram brincadeiras da infância. Seus sentimentos eram sempre sinceros e leais; nunca traiu nem por pensamento o seu escolhido; mas também, se este a esquecia e mudava, ela facilmente se consolava, porque, em naturezas como a sua, o amor não cria raízes profundas, só vegeta na superfície da alma.

Continuei a **frequentar** a casa de D. Matilde. Ali, durante um mês, Emília não perdeu ocasião de furar meu coração com os alfinetes de sua raiva feminina.

Uma noite de reunião, o chocolate era servido. Ela ia tomar uma xícara da bandeja que passava, quando o criado, sem perceber o movimento, seguiu. Se você visse o meigo olhar de império que me lançou, compreenderia por que, apesar de meu ressentimento, servi-a rapidamente.

Entretanto, quando lhe ofereci o chocolate, recebeu-o inteiramente distraída, sem me olhar.

— Muito agradecida!, disse-me, atirando a palavra da ponta do lábio, o mais lindo e também o mais desdenhoso.

Retirei a mão, achando que ela segurava entre os dedos delicados a xícara; mas esta acabava de despedaçar-se no chão, manchando a saia de seu rico vestido de seda azul.

Emília mostrou qualquer emoção. Volvendo lentamente o rosto, atirou-me por cima do ombro esta palavra que veio afogada no desdém:

— Realmente...! — e retirou-se da sala.

Ela tinha deixado a xícara cair de propósito; mas naquela ocasião eu estava bem longe de suspeitar disso.

Lancei toda a culpa sobre mim; e me considerei o maior desastrado.



Diva

Procurei-a: já tinha partido. Na próxima quinta-feira, logo que cheguei, dirigi-me a ela para lhe pedir perdão de meu descuido:

— Peço-lhe mil desculpas, minha senhora, pelo que aconteceu!

— Quando?

— Quinta-feira passada.

— Não me lembro.

— Aquela minha distração de deixar a xícara cair...

— Ah!, foi o senhor?... Nem reparei!, disse-me com a maior indiferença.

Essa palavra me ofendeu mais que tudo que tinha me feito essa moça. Nem sequer com seu ódio ela se dignava me distinguir!

Dia após dia, a sua antipatia tornou-se mais clara. Ela procurava sempre evitar meu cumprimento e, quando não podia evitá-lo, recebia com fria arrogância. Se estava ao piano e eu chegava, erguia-se, deixando suspensos os que a ouviam tocar ou cantar. Inventava então qualquer pretexto, de que seu fértil espírito vivaz era cheio; porém, o verdadeiro motivo, deixava-o bem transparente. Se eu me aproximava do círculo onde ela conversava, chamado por alguma palavra amável de D. Leocádia, calava-se imediatamente e, no primeiro momento favorável, sumia.

Duas ou três vezes, chegando à casa de D. Matilde, achei-a brincando distraída com a prima e algumas amigas. Vendo-me entrar na sala, levantou-se bruscamente e se despediu das outras, surpresas:

— Adeus! Adeus...! Vamos, Geraldo!

Pegava o chapéu; o irmão a seguia sem vontade; entravam no carro e partiam para a chácara, apesar de ela ter prometido passar o dia com Julinha e já ser hora do jantar.

Tudo isso me convenceu, afinal, que o procedimento de Emília não era uma simples antipatia, mas um propósito firme de me humilhar.

Parecia um sistema de perseguição intencional. O instinto de defesa acordou em mim, e com ele o desejo da vingança. De longe e disfarçadamente comecei a estudar essa moça, resolvido a descobrir o seu ponto fraco.

Desde que a *Duartezinha*, como a chamavam nos salões, apareceu nas reuniões de D. Matilde, foi logo cercada por uma

multidão de admiradores. Sua nobre arrogância os mantinha em respeitosa distância. Ela conservava sempre na sala, como na intimidade, uma orgulhosa reserva, que afastava sem ofender.

Quando, porém, algum mais apaixonado ou menos inteligente de seus admiradores ousava transpor aquela nobre e pura auréola na qual ela brilhava, então sua raiva se cobria de certa majestade sublime que fulminava.

Emília não dançava valsa; nunca nos bailes ela permitiu que o braço de um homem abraçasse seu corpo. Na dança, as pontas dos seus dedos afilados, sempre calçados nas luvas, apenas tocavam de leve a mão do cavalheiro: o mesmo era quando aceitava o braço de alguém. Bem diferente de certas moças que passeiam nas salas reclinadas ao peito de seus pares, Emília não permitia que a manga de uma casaca roçasse nem de leve as rendas do seu decote.

Uma noite, dançando com o Amorim, sócio de seu pai, recolheu a mão de repente e deixou cair sobre ele um dos seus olhares de Juno<sup>5</sup> irritada:

— Ainda não sabe como se dá a mão a uma senhora?, disse com desprezo.

Ditas essas palavras, foi se sentar no meio da quadrilha e nunca mais dançou com ele. O Amorim, em um do passos, tinha sem querer tomado sua mão, em vez de apresentar-lhe a sua.

**Frequentava** as reuniões de D. Matilde um moço oficial de marinha, o tenente Veiga. Tinha uma nobre figura e a marca da verdadeira beleza guerreira. Era um dos mais apaixonados adoradores de Emília. Tirando-a para dançar uma noite, ela se ergueu e ia lhe dar o braço; mas logo se retraiu e sentou-se novamente.

— Desculpe-me. Não posso dançar!

— Por que motivo, D. Emília?

Ela se calou; mas fitou suas mãos com olhos tão expressivos que o moço compreendeu e corou:

— Tem razão. Tirei as luvas para tomar chá e esqueci de calçá-las.

Esses e muitos outros pequenos fatos eram comentados no salão de D. Matilde pelas outras moças, que não perdoavam

---

<sup>5</sup> Na mitologia romana, Juno é a rainha dos deuses.

Diva

tantas superioridades de Emília; pois brilhava em sua fronte a tríplice coroa da beleza, do espírito e da riqueza.

Muitas vezes eu assistia calado aos tiroteios dessa guerra feminina. Alguma rival, observando a suprema delicadeza do gesto puro e gracioso de Emília, ralava-se de inveja e dizia para as amigas:

— Ai, gente! Não me toquem...!

— É mesmo um docinho!, continuava outra.

— Pois há quem suporte aquilo?

— Ora! É rica!

— Já repararam? Nem aperta a mão do irmão!

— Tem medo que quebrem, coitadinha!

— Não falem assim!, dizia Júlia voltando-se com um gesto suplicante. Que mal Mila fez a vocês? Pois olhem! Eu acho aqueles modos tão bonitos!...

Julinha defendia a prima e fazia com uma doce melancolia o elogio daquela suave fonte de pureza, que ela, mísera, tão cedo perdera. Ouvindo-a, eu me sentia atraído para essa boa alma, que Deus tinha feito para a família, e a mãe exilou no mundo.

Apesar de ser evitado constantemente por Emília, eu observei, depois de algumas semanas, que ela tinha um círculo especial de admiradores, do qual escolhia sempre seus pares.

Esses felizes preferidos obtinham, além do favor da costumada dança, um largo intervalo de conversa íntima.

Nessas ocasiões ela falava pouco; apenas de vez em quando dizia algumas palavras; mas escutava com visível interesse, séria umas vezes, outras sorrindo.

Quando confirmei essa minha observação, senti na alma o agridoce<sup>6</sup> dos prazeres, que, como o vinho, enfurece o coração.

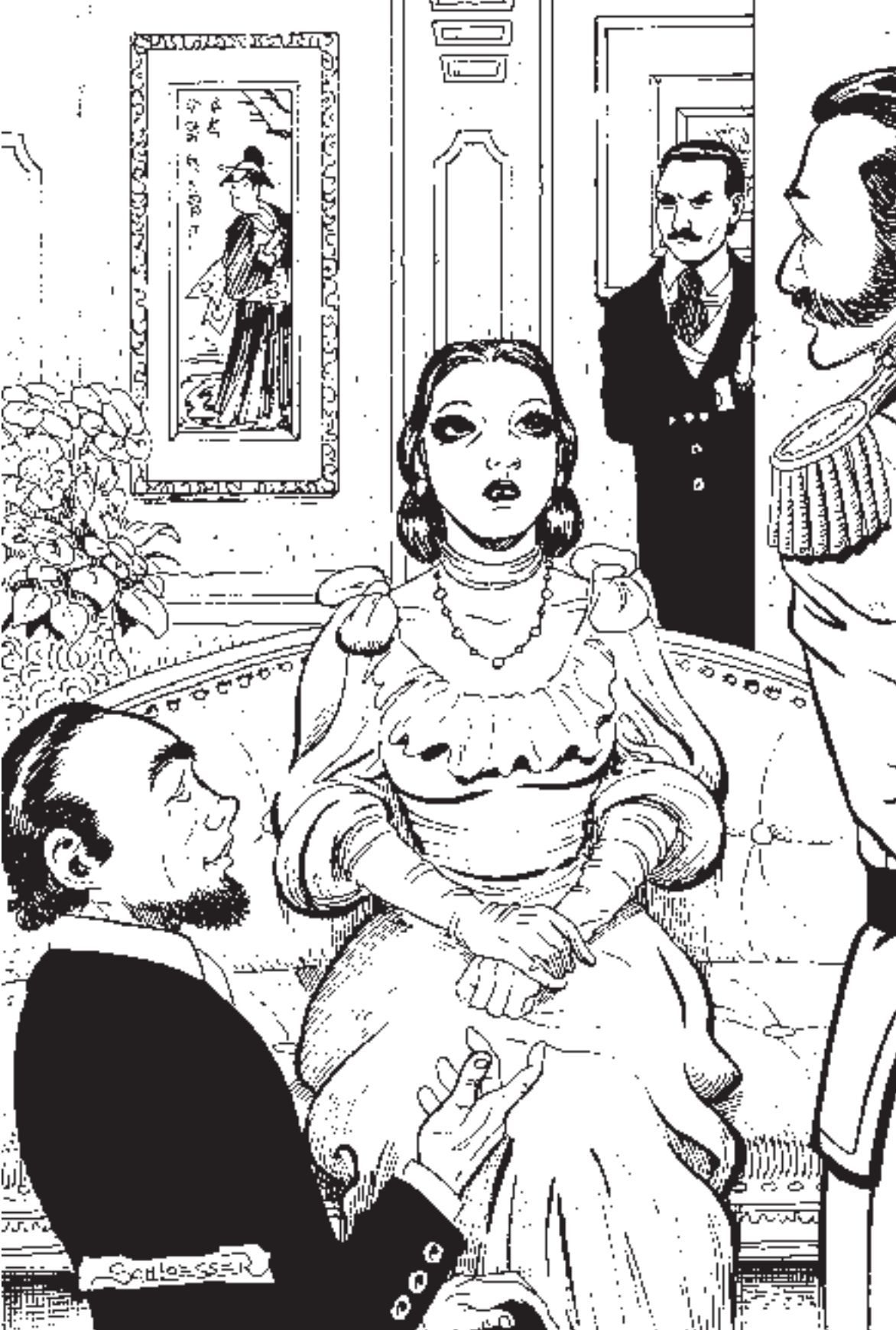
— É uma namoradeira!, murmurou minha alma vingada, porém triste.

A beleza sem pecado dessa menina me humilhava; mas a profanação de sua alma, que eu avistava naquelas preferências de sala, apertou meu coração.

— Não é por ela que eu sinto — pensava eu. É por sua família, especialmente por seu pai, de quem gosto.

Como eu procurava me iludir!

<sup>6</sup> Qualidade do que é doce e azedo ao mesmo tempo.



# V

Por esse tempo, Emília fez a sua entrada no Cassino.  
— Já viu a rainha do baile?, disseram-me logo que cheguei.  
— Ainda não. Quem é?  
— A Duartezinha.  
— Ah!

Realmente, a soberania da beleza e elegância, ela tinha conquistado. Parecia que essa menina tinha se guardado até aquele instante, para de repente e no mais nobre salão da sociedade fazer sua brilhante metamorfose.

Nessa noite ela quis provar ser uma deusa; e vestiu os brilhos da beleza, que desde então arrastaram atrás de si a admiração geral.

Seu traje era uma obra-prima, por ser belo e delicado. O vestido tinha bordados claros, com a saia toda cheia de pregas de largos babados. Pequenos ramos de flores, com um só botão **cor-de-rosa**, apanhavam os fofos transparentes, que o menor sopro fazia voar. O forro de seda do corpinho, ligeiramente decotado, apenas dava forma, entre o fino tecido, aos contornos nascentes do seio; e, dentre as nuvens de rendas das mangas, só escapava a parte inferior do mais lindo braço.

Quando Emília sentava-se, batendo com a mão afilada as dobras do tecido, parecia um cisne colhendo as asas à margem do lago e arrepiando as brancas penas. Quando se erguia e movia o seio, o porte flexível fazendo tremular as brancas roupagens, lembrava o gracioso mito da beleza, que surgiu como mulher da espuma das ondas<sup>7</sup>.

Estive contemplando-a de longe. A multidão de seus adoradores a cercava como de costume, e ela distribuía aos seus prediletos as quadrilhas que pretendia dançar. Pela expressão de alegria ou de contrariedade dos que voltavam, eu conhecia se tinham sido ou não felizes.

<sup>7</sup> Na mitologia grega, Afrodite, deusa do amor e da beleza, teria surgido das espumas do mar.

Que interesse eu achava nessa observação?

Você já compreendeu sem dúvida, Paulo, que essa menina me preocupava mesmo sem eu querer. Pois sabe que, naquele momento, tinha inveja dos preferidos; apesar do juramento que eu havia feito de nunca dançar com ela depois da desfeita que sofri, cometeria a desonra de ir suplicar a ela ainda a graça de uma dança, se não temesse nova e humilhante negativa.

Livre um instante de sua roda de admiradores, Emília correu a vista pelo salão e fitou-a em mim com uma persistência incômoda. Ela tinha, quando queria, olhares de uma atração imperiosa e irresistível que penetravam em um homem, o prendiam e o levavam submisso a seus pés. Eu resistia, contudo; mas ela sorriu para mim. Então não tive mais consciência de mim mesmo; deixei-me ser absorvido por aquele sorriso e fui, cego da alma que ela tinha me roubado e dos olhos que me deslumbrava.

— D. Emília... — gaguejei cumprimentando-a.

Mas que estranha mutação! Sua esplêndida beleza congelou. As longas pálpebras erguidas pareciam fixas sobre uns olhos pálidos e mortos. Refletindo-se levemente na pele sem brilho, as luzes empalideciam sua fronte de pedra. O corpo de suaves ondulações se contraía agora com uma firmeza de granito. Senti, aproximando-me, exalar dela a frieza que envolve, como um sudário transparente, as estátuas de mármore.

Passei e tão longe de mim que não veria Julinha e D. Matilde ali sentadas, se esta não tivesse advertido minha falta.

— Boa-noite, doutor! Que distraído que ele está hoje!

— Perdão, D. Matilde! Como passou? Ia realmente não distraído, mas ofuscado por tanto luxo e beleza. A culpa, então, também é da senhora, e em grande parte!

— Quando é que o senhor vai perder o costume de fazer elogios?

— Quando a senhora quiser acreditar em mim!

D. Matilde começou então a sua revista do baile, que eu escutei, sem ouvir. Emília estava ali perto; eu não a olhava, mas sentia.

— Julinha!, ela disse rindo. Você sabe quantas danças já me fizeram aceitar? Quinze!

Diva

— Se dançar a metade, será muito!

— Não, enganei-me, não foram quinze. A terceira não aceitei.

— Por quê?, perguntou a prima.

— Guardei esta para mim... para ficar sentada.

— Que lembrança!

— Depois... Quem sabe? Talvez resolva ir dançar. Se me pedirem muito...!

Emília sorria dizendo essas palavras, e eu senti a luz de seus olhos ferir minha vista.

Meu espírito alvoroçado se acalmou como por encanto. Reconheci o homem que fui e sou; frio e sempre calmo, durante o sono profundo e longo do coração, o qual até agora felizmente só teve uma, mas bem cruel, vigília.

Compreendi tudo; compreendi o olhar, o sorriso e o diálogo. Emília me provocava diretamente para que eu pedisse a ela aquela terceira dança reservada; queria me ver suplicante a seus pés, e desprezível, apesar da primeira humilhação. Então, quando sua vaidade estivesse satisfeita, me insultaria de novo do alto de seu orgulho, castigando minhas faces com um daqueles seus olhares de soberano desprezo.

Minto: eu não tinha compreendido nada. Ainda hoje, depois de tudo quanto sofri, eu sei compreender uma mulher dessa?

Quando vi a falsidade da provocação, recuperei a calma. Também tive o meu sorriso de desprezo e o meu gesto de indiferença. Pedi a D. Matilde justamente a terceira dança, e ela me concedeu, apesar de já tê-la prometido:

— Farei uma troca!, ela me disse. Dançarei a quinta com o Dr. Chaves.

Minha intenção foi convencer logo a Emília que ela se enganava. Desejava que seu espírito não tivesse a mínima esperança de que eu me deixasse sacrificar pelo seu orgulho. Ela bem me entendeu. Seu belo dente, mordendo o lábio, anunciou-me a sua cólera e a minha punição.

Esta não demorou muito.

Eu tinha me retirado do salão e havia ficado conversando numa das salas próximas. Quando a música deu sinal de que o baile ia começar, lembrei-me que Julinha tinha me prometido na

véspera a primeira quadrilha e fui me aproximando.

Creio que você viu o antigo Cassino, de arquitetura feia e pobre decoração, porém mais festejado que o moderno, apesar de sua riqueza. Certamente se lembra das colunas que havia ali. Eu tinha me apoiado a uma delas, esperando que se formassem as quadrilhas.

A borda de um vestido roçou por mim. Emília passava pelo braço de uma de suas amigas; passava cheia de desdém, movendo com gestos soberanos a linda cabeça coroada pelas tranças grossas do cabelo com ondas. Fiquei imóvel entre ela e a coluna, acompanhando com a vista, sem querer, o charmoso desenvolvimento daquele passo de deusa.

De repente ela curvou o corpo, como se o vestido tivesse a cauda presa. Com essa inclinação, as ondas do tecido envolveram meus pés. Ouvi o barulho de lenços que pareciam se rasgar com violência. Empalideci... Os babados do elegante vestido, composto com tanto cuidado, arrastavam-se despedaçados pelo chão.

Emília parou e lançou uns olhos frios para o estrago do belo traje, que tantos elogios e maior inveja excitara. Depois endireitou o corpo para me atirar arrogante outro olhar, mais frio ainda, que me atravessou.

— Nem foi de propósito...!

Ah! Paulo, se você ouvisse a voz com que me disse essas palavras! Nem o ferro grosso penetraria, cortando as carnes, com dor mais intensa do que essas palavras rasgando minha alma!

Ainda me adiantei exclamando:

— É uma injustiça, minha senhora...!

Em resposta, ela se curvou para colher as bordas despedaçadas do vestido; arrancando uns pedaços que arrastavam ainda, jogou-os; eles vieram cair a meus pés, e eu os apanhei estupidamente.

Duvidei de mim um momento. Será que eu teria pisado sem sentir a borda da saia? Mas como, se eu tinha ficado imóvel e nem sequer tinha me voltado? Junto de mim não tinha ninguém; era, pois, ela própria que, para não tocar em mim passando, tinha rasgado sem querer o seu vestido e se aproveitado do incidente para me crucificar.



Diva

Eu podia imaginar que ela tivesse sacrificado de propósito, por minha causa, sua elegância e os triunfos que o baile lhe prometia, coisas que só no entusiasmo da primeira paixão raras mulheres, as heroínas do amor, sacrificam?

Tocava a dança: dei o braço a Julinha. Como esse baile já me aborrecia antes de começar!

Não via Emília. Eu a procurava nas quadrilhas já formadas, quando ela surgiu diante de nós, envolvida em sua ampla manta cor de cinza, que ocultava todo seu corpo e cobria com uma das pontas o seio e parte da cabeça. Estendeu a mão à prima:

— Adeus!

— Que é isso, Mila?

— Vou-me embora. Não está vendo?

— O baile ainda nem começou!

— Você acha que estou muito decente?, disse abrindo a manta e mostrando o babado rasgado sobre o forro de cetim.

— Que foi isto? Quem a colocou nesse estado?

— Quem...? Um pé... !

Você já viu alguma vez, Paulo, rebaixar assim um homem e esmagá-lo com uma palavra?

Emília atribuía a mim o que tinha lhe acontecido; e não achava, para se referir a mim, nem o meu nome, nem mesmo a minha qualidade de criatura humana. Era uma coisa, uma parte desprezível do corpo, um pé!

Não sei o que na minha raiva ia lhe responder, se ela me desse tempo e não se afastasse rápida.

— Mas isso se conserta!, disse Julinha seguindo-a. Venha cá!

— Não vale a pena. Adeus.

Retirou-se pelo braço do pai, risonha, sem a menor sombra de contrariedade.

Durante o resto da noite fui o alvo das piadas dos apaixonados de Emília; olhavam-me com a piedade maliciosa que a minha falta de jeito inspirava neles. Por outro lado, as moças pareciam me agradecer o serviço que lhes prestara com o sumiço da **beleza-rainha** da noite.

Uma chegou até a me dizer:

— Confesse! O senhor fez de propósito e agora quer negar!

Não lhe dei resposta.

## VI

Esperei com impaciência a próxima quinta-feira. Estava resolvido a me explicar com Emília.

Durante o começo da noite, fiquei sentado na varanda; mas via, por um espelho na frente da porta, D. Leocádia e a sobrinha em seu lugar do costume, a um canto do salão. Depois do chá realizou-se o que eu esperava; uma cadeira entre ambas ficou vaga; ocupei-a logo.

Emília se assustou um pouco; voltou-se toda para falar a outra moça, que ficava a sua esquerda; senti que sua cadeira se afastava da minha por um movimento imperceptível.

— D. Emília!, disse de modo que me atendesse.

Ela me olhou.

— Desejo fazer um pedido a senhora.

Não me respondeu; mas um ligeiro desvio no rosto parecia me indicar que se propôs a ouvir.

— Diga-me, D. Emília, se alguma vez sem querer eu a ofendi, para que lhe suplique perdão... Mas, antes, acho que tive a infelicidade, e não a culpa, de lhe desagradar... Se isso é verdade, farei com que a minha presença não a incomode mais!

Levantei os olhos para ela. Parecia não me ouvir, nem mesmo ter consciência de que eu ali estivesse e falasse com ela. Sua alma passava no olhar e ia ao outro lado da sala. Havia, em sua fisionomia e atitude, a expressão de surpresa que deixa os espíritos distantes.

— Não vai me responder, D. Emília?, insisti ainda.

Continuou sem se perturbar. Fiquei algum tempo observando: depois me voltei para D. Leocádia.

— A senhora tem notado alguma alteração na saúde de D. Emília?

— Não, doutor; por quê?, perguntou-me assustada.

— As doenças graves, como a que ela sofreu, costumam afetar alguns órgãos importantes. Por exemplo, algumas vezes deixam uma surdez que incomoda...



SCHLOSSER

— Pois ela, não! Ouve até muito bem!

— Ah!, há pouco me pareceu o contrário!

Emília se ergueu:

— Também a mim parecia que o Sr. Dr. Amaral era míope; mas agora sei que enxerga muito e longe!

— A senhora ouviu...? Desculpe! Achei que estava distraída.

— Pois se enganou mais uma vez!, disse-me e se afastou.

Uma das referências de Emília, eu tinha compreendido perfeitamente: ela me qualificava de míope por não ter percebido logo quanto eu a importunava. Que sentido porém tinham aquelas outras palavras — “enxerga muito e longe”?

Devia ter a explicação logo.

Julinha estava ao piano; conversávamos.

A voz dessa menina tinha não sei quê de bom e delicado, que penetrava o coração de suaves perfumes.

Era quase sempre ela quem acalmava minhas raivas provocadas pelas ofensas da Duartezinha. Esta passeava na sala pelo braço de um moço de vinte anos, ridícula cópia de homem, que a moda tinha transformado num elegante boneco. Emília, na sua fria e cortante ironia, tratava-o com um monossílabo. Ela dizia, por exemplo: — *Nós* somos um perfeito cavalheiro de sala, Sr. Barbosinha. *Nós* trajamos no rigor da moda. Este *nós* era o pronome da vaidade e efeminação do moço.

Passando por diante do piano, Emília soltou uma risada bem alta e dirigiu-se a Julinha:

— O que você acha, prima?

— O quê, Mila?

— Eu dizia aqui ao senhor que a gratidão é um sentimento mesquinho.

— Como mesquinho? Não entendo!

— D. Emília quer dizer que não passa de um fingimento, disse o Barbosinha.

— *Nós* estamos enganados, Sr. Barbosinha!, continuou Emília sorrindo. — Eu digo, prima, que isso de gratidão não é um sentimento nobre e elevado; pelo menos eu nunca desejaria que ninguém tivesse por mim!

— Por que razão, prima?

Diva

— Vou dizer, Julinha! Pode haver algo menos generoso e mais ridículo do que um indivíduo, porque prestou um serviço, mesmo que salvasse a vida de alguém... adotar certa superioridade sobre o outro e julgar-se com direito a tudo... ao afeto e à amizade de uma pessoa? Não é uma espécie de humilhação que se impõe àqueles que não pediram, nem desejavam, seus favores e talvez pudessem pagá-los?

Emília falava com natural facilidade, como se estivesse conversando de coisas indiferentes. Seu lábio descascava, juntamente com as palavras, breves e finos sorrisos, que eram como os espíritos maus de suas palavras. Eu a escutava à parte, sentindo as flechas da ironia que ela me atirava. De repente, vi passar pelos seus olhos um clarão vivo e súbito.

— E há alguns desses generosos — continuou ela — que não perdem ocasião de lembrar o benefício feito, com medo de que possam esquecer! Se não é uma infelicidade, parece uma...

Eu vi clara e bem pronunciada a palavra *especulação* na boca de Emília; e estava de pé, sem sentir, antes que ela a pronunciasse. O que eu ia fazer? Que eu podia fazer contra o insulto de uma mulher, e ali no meio de uma sala?

Nada. Levantei-me por esse movimento involuntário e misterioso que nos momentos solenes eleva a estatura do homem, como a expansão natural de sua força e dignidade. Sentados parece que nos curvamos à ofensa e a deixamos pesar sobre nossa cabeça; erguidos, parece que ficamos maiores do que ela e a olhamos do alto e a esmagamos com os pés!

Emília, vendo-me levantar de repente, mediu-me com um olhar provocador, soltando com estudada lentidão a palavra suspensa:

— Uma especulação!

Eu já tinha tido tempo, não de reprimir, mas disfarçar a emoção. Disse-lhe, folheando ao acaso um álbum de músicas:

— Tem razão, D. Emília; atualmente com tudo se especula, de tudo se zomba. Ganhar muito dinheiro para ter o direito de rir dos outros, eis a grande questão!

Havia com certeza em meu rosto alguma coisa, sintomas do reflexo de uma alma angustiada, que assustou Emília. Ela desviou

de mim os olhos e escondeu-se tímida e surpreendida. Parti imediatamente da casa de D. Matilde; tinha gelo no coração e fogo nas faces. A minha resposta ao insulto de Emília me parecia ridícula e idiota; pensava em outras respostas mais adequadas, que eu desejava ter podido lançar ao rosto daquela moça. **Envergonhei-me** do ridículo papel que fizera.

— Se ela amasse alguém..., pensava então. Eu a insultaria através dele.

Passaram-se dias; em todos eles, meu primeiro pensamento, abrindo os olhos, era nessa mulher. Foram maus dias esses, que tiveram suas manhãs de ódio. Enfim, a calma voltou; o rancor se escondera no coração, como a fera na toca, para esperar sua vingança.

Pouco tempo depois, Geraldo, jantando em minha casa, disse-me de repente no meio de uma conversa:

— Agora me lembro...! Você tem que me fazer um favor, Amaral.

— Farei, se puder.

— Mas olha que é segredo. Se você disser uma palavra, está tudo perdido! Mila é capaz de ficar mal comigo; e eu quero antes estar mal com meu pai do que com ela.

— Pelo que vejo, tua irmã tem a ver com isto?

— O negócio é dela. Eu te conto. A senhora minha irmã tem a mania de dar esmolas.

— Ah! Não sabia!

— Pois fica sabendo; mas cuidado! Não vá dar o menor sinal de que eu te disse isso!

— Que interesse eu tenho em te comprometer? Fica descansado. Mas, então, D. Emília é tão caridosa assim? Uma moça, me admira!

— Oh!, você nem faz **ideia**! Ela tem uma porção de velhas, suas protegidas, que não saem da porta. E, não contentes já de pedirem para si, pedem também para os outros. Desde criança que Mila se acostumou, quando meu pai volta da cidade, a tirar todo o dinheiro que ele traz solto na carteira; e meu pai deixa de propósito uma porção de moedinhas de prata, além do que, lhe dá sempre que ela pede. Pois quase todo esse dinheiro fica com as tais velhas.

Diva

Geraldo suspirou:

— Que dinheiro tão mal gasto. Podia servir ao menos para meus charutos!

— Mas que relação tem isso com o teu pedido?

— É verdade! Uma das tais velhas descobriu, ou inventou (o que é mais certo), a história de uma menina que perdeu pai e mãe e está na miséria, sem parentes que olhem para ela. E de que havia se lembrado? De colocá-la no recolhimento das órfãs!

— Foi uma boa lembrança.

— Você acha? Melhor, porque é você quem vai arranjar isso.

— Como? Tua irmã...?

— Ela aprovou muito a **ideia** e se encarregou de obter a admissão da menina, com um dote, que deve receber quando se casar. Veja que esquisito! Eu tenho lá tempo para cuidar dessas coisas? Mas não há remédio senão fazer sua vontade. Há muitos dias que estou para falar nisso e felizmente agora me lembrei... Você anda lá pela Misericórdia, conhece aquela gente...

Tive uma inspiração.

— Pois bem, Geraldo. Fica ao meu cuidado.

— Promete então arranjar o negócio?

— Dou a minha palavra; e quase posso assegurar a você que já está feito.

— Muito bem; mas que seja logo! Mila não me deixa, e eu já não sei que desculpas invente!

— Amanhã mesmo tratarei disso. Como se chama a menina?

— Homem! Quer saber, não sei. Mila me deu um papel, que eu nem abri. Deve estar no bolso do meu casaco.

— Pois isso é indispensável, assim como a idade, filiação...

— Eu vou para casa e te mando o papel hoje mesmo.

Esperei até a noite com febril impaciência. Geraldo não cumpriu a promessa; mas no dia seguinte, por volta de uma hora, ele apareceu.

— Aqui está!, ela me disse, tirando da carteira a nota. — E adeus.

— Aonde você vai? Não quer jantar?

— Hoje não. Vou jantar no Jardim; temos lá esta noite um pagodezinho suportável.





Diva

Ao descer a escada, voltou-se:

— Sim! Eu prometi a Mila que o negócio não passaria desta semana. Vê se não me deixas mal!

— Vá descansado, respondi-lhe sorrindo.

Reli a nota que Geraldo havia me dado. Era uma meia folha, onde a mão de Emília havia traçado algumas linhas com letras elegantes e finas. Conservei este papel por muito tempo; creio que o queimei sem querer junto com outros. Nem me lembro mais o nome da menina, que teve, sem saber, uma influência rápida, mas decisiva na minha vida.

Uma carta da mulher que eu amasse talvez não produzisse em mim a emoção que senti lendo aquelas palavras. Sorria de contentamento e machuquei o papel aos lábios. Pensei na hora que segurava a minha vingança; mas quanto me enganei! Absorvia o filtro dos ódios passageiros de um amor pisado!

— Ah! Ela é boa e se importa com os outros!, eu murmurava.  
— Estou vingado... !

Até então, Paulo, achava que um egoísmo frio forraste a alma dessa menina; e tinha medo, porque todo o desprezo que eu pudesse amassar em meu coração para irritá-la iria bater e se pulverizar nessa crosta impenetrável.

Recolhi um instante em mim para refletir. Acertado meu plano, a execução foi imediata. Tudo me favorecia: era um sábado, dia em que o Sr. Duarte se recolhia mais cedo; por outro lado o passeio de Geraldo me assegurava da sua ausência.

Cheguei à casa do negociante com as primeiras sombras da noite.

## VII

A casa do Sr. Duarte acabava de sofrer uma transformação completa.

Quando eu a conheci, e mesmo ainda depois de minha volta, era um prédio velho, feio e irregular, construído numa das costas da montanha que cobre os frescos vales de Catumbi e Rio Comprido. A chácara coberta de arvoredos se estendia pelas encostas até os fascinantes morros de Santa Teresa.

Tinha-se aí uma vista magnífica, de bons ares e sombras deliciosas. Os arredores ocupavam naquele tempo mais campo do que hoje. A foice exterminadora da civilização ainda não tinha devastado os bosques que revestiam as bases da montanha. A rua, braço do centauro chamado *cidade*, só anos depois espreguçando pelas encostas colocou as garras nos cumes frondosos das colinas. Elas foram, outrora, essas lindas colinas, a verde coroa da jovem Guanabara, hoje velha vaidosa, careca de suas matas, nua de seus campos.

Caminhos íngremes e veredas sinuosas serpenteavam então pelos pés sombrios da montanha e prendiam como num abraço as raras habitações que pintavam de branco de vez em quando o arvoredos. Límpidas correntes, que a sede febril do gigante urbano ainda não tinha consumido, rolavam vibrantes pelas terras, saltavam de cascata em cascata e iam fugindo e emitindo sons a aconchegar-se nas brancas bacias rodeadas de campos.

As árvores pequenas balançavam à doce brisa da tarde suas brilhantes folhagens, como numa festa da roça as mais belas moças, orgulhosas de seus enfeites, balançam delicadamente ao som da música as cabeças cobertas de enfeites de fitas.

Cresciam ali grossos bosques de bambus que ciciavam<sup>8</sup> brandamente, enquanto os leques das palmeiras vibrados pelo vento tocavam acordes como uma flauta.

Naqueles lugares, Emília havia nascido e se criado. Eles foram o molde de sua alma, formada ao contato dessa natureza montanhosa cheia de ásperas e sombrias espessuras.

<sup>8</sup> Produzir ruído fraco.

Diva

A primeira vez que a tímida menina ousou penetrar esse mato esquecido nos arredores da cidade, ela tinha onze anos. Até então tinha vivido à sombra materna, como flor que se planta em vaso de porcelana e vegeta nos terraços. Do peito tinha passado ao colo; quando começou a andar, uniu-se ao vestido de sua mãe.

Com pouco movimento que a senhora fazia, a órbita do seu giro não se estendia além da beira da casa e do estreito jardim, que uma cerca de tábuas separava da chácara abandonada; porém, mesmo de longe, Emília enfiava os olhos por entre os grupos de árvores.

Vinham dali rumores vagos e mistérios estranhos que a abalavam. Logo presa de grande pavor, fugia para se abrigar no colo materno.

Um dia venceu a tentação. A menina avançou afoita, pensando que a professora estava por perto. Não a viu; quis voltar e não teve forças; voltou a avançar; o menor ruído a assustava, a mais leve sombra lhe proporcionava terrores e desmaios. Até que foi vencida por ataque de nervos.

Emília ficou dois dias de cama. A mãe a declarou doente por uma semana. Houve larga discussão a respeito do grave acontecimento; durante um mês não se falou de outra coisa. Julinha foi ficar algum tempo com a prima para distraí-la; e a medrosa menina se viu cercada dos maiores cuidados.

Tudo isso produziu efeito oposto ao que esperava a mãe. Ela pretendia conservar assim aquela natureza frágil, tímida e delicada, que só podia viver presa ao seio materno, como hera<sup>9</sup> ao tronco. Não sabia a semente fatal que tinha lançado na alma inocente da filha!

Foi a semente da primeira rebelião. Emília teve grande vergonha de seu pânico. Um sentimento novo e estranho, que não era desejo, nem raiva, pesar ou contentamento, porém um misto de tudo isso, a inchar sua alma; um sentimento nunca sentido perturbou a inocência da menina. Muitas vezes, sós, suas faces ardiavam, o sangue fervia dentro, as lágrimas saltavam dos olhos; de repente se levantava, com o corpo reto, a cabeça livre, o olhar aceso e um sorriso — que sorriso! — mordido no lábio grosso.

<sup>9</sup> Nome comum de uma espécie de planta trepadeira que cresce agarrada aos troncos das árvores.



Success

Diva

A teima infantil, que devia ser orgulho na mulher, estava sendo gerada naquele coração de menina. Uma noite, ao deitar, Emília jurou que encararia tudo sem medo para atravessar ela só o caminho da chácara. Dito e feito, e logo feito. Os primeiros sinais do dia a acharam já pronta. À exceção de alguns escravos, todos dormiam na casa.

Passou com cuidado pelas escadas e ganhou a cerca. Da cancela até o fim do caminho foi uma corrida só e de olhos fechados. Lá parou, tomou fôlego e correu a vista aterrorizada pela densa e escura vegetação. Disparou nova corrida, mas já senhora de si. Assim percorreu duas ou três vezes o caminho. Quando o sol nasceu, ela entrava sem ter sido notada e metia-se na cama, onde sua mãe com pouco a foi despertar.

Nesse dia Emília esteve de uma alegria que não tinha mostrado recebendo a mais enfeitada de suas bonecas. Saltava de contente; a ponta de seu pé pisava mais firme o chão como se o quisesse fazer afundar, tanto o passo era firme e orgulhoso de si. A luz filtrava mais viva na pupila negra; a mão tinha tantos impulsos nervosos que partia as penas escrevendo e amarrotava a costura.

— Essa foi minha primeira travessura — ela me dizia contando as suas recordações de infância. Daí em diante, a minha afoiteza foi progressiva. Um ano depois, o mato já não tinha segredos para mim; eu conhecia todos os trilhos e caminhos, sabia onde estava a melhor goiabeira, o cajueiro mais doce e o **coco-de-indaiá**, que eu adorava comer! Eu mesma, o senhor acredita?, trepava nas árvores, pendurava-me nos ramos e saltava pelas ladeiras mais íngremes.

— E sua mãe permitia isso?, eu lhe perguntava.

— Não permitia, não! Pobre mãe! Nunca soube. Eu aproveitava as horas de estudo em que me deixavam só. A sala dava para o jardim; numa volta ou noutra eu ganhava a chácara, sem que me vissem. Além do mais, sonsa como era então, ninguém em casa podia desconfiar das minhas travessuras. Diante de gente tinha tanto acanhamento que até já aborrecia. Minha mestra chamava a isso com muita graça a minha *ferocidade caseira!*

Foi assim, Paulo, que tinha se formado essa natureza tímida e ao mesmo tempo audaciosa. Havia nela a mistura de duas

almas, uma alma de criança e outra alma de heroína. Só diante da natureza, a poesia selvagem daqueles lugares desabitados comunicava com seu espírito e o enchia de ousadias admiráveis. Na presença de alguém, a vida se fechava no íntimo como numa cobertura impenetrável; restava apenas na superfície uma sensibilidade irritável.

Com a idade, essa menina tinha assumido pouco a pouco o governo da casa e da família. Desde o pai até o último dos escravos, todos lhe obedeciam cegamente. Ela recebia com gentileza de moça e dignidade de senhora a homenagem devida à superioridade do seu espírito.

Um dia, Emília, que já havia começado a frequentar a sociedade, surpreendeu sua alma triste e desconsolada no meio daquela velha habitação; isso lhe pareceu um afastamento dos ricos salões onde algumas noites a sua beleza crescia.

Disse então uma palavra. De repente, o feio edifício surgiu das ruínas, maior e luxuoso, entre jardins, mármore e chafarizes; foi coberto de vasos, pinturas e tapetes; encheu-se de ricos móveis; teve grande carruagem, criadagem numerosa e serviço magnífico à europeia.

Um dos novos criados, que não me conhecia, havia levado meu cartão de visita. Esperando, eu observava pelas janelas, à luz suave das estrelas, os tabuleiros de grama e os claros caminhos que se recortavam na areia da chácara.

Nada sabendo ainda, sentia em tudo o que me cercava o tato delicado das mãos de Emília. Ouvi perto de mim a voz do Sr. Duarte.

— Seja bem-vindo, doutor, a esta sua casa! Achei que estava mal com ela!

O negociante me conduziu, através de grandes salas, que estavam acabando de decorar, a uma saleta do lado oposto do edifício.

D. Leocádia cosia junto à mesa; Emília estava ao piano; mas, vendo-me entrar, levantou-se, respondeu com a frieza de sempre ao meu cumprimento e foi se recostar à sacada.

## VIII

Passei alguns instantes conversando com D. Leocádia junto à mesa. O negociante havia se sentado numa cadeira de palha à porta do terraço, onde todas as noites fumava seu charuto.

— Sr. Duarte!, eu disse aumentando a voz.

— Doutor!

— O senhor está lembrado do que se passou entre nós, há três anos, logo depois da melhora de D. Emília?

— A respeito de quê...?

— A respeito da maneira generosa por que o senhor quis recompensar os pequenos serviços que eu...

— Ah! Lembro-me...!

— Pequenos serviços, doutor!, falou D. Leocádia. Um irmão não faria por sua irmã o que o senhor fez por Mila.

— Fiz o meu dever, minha senhora, e nada mais; um simples dever de médico!

— Não! O senhor pode pensar como quiser; mas eu sei que lhe devo a vida de minha filha, doutor. Se não fosse o senhor...

— Que passou vinte e tantos dias, quase sem dormir, não pensando em outra coisa... Acha que eu não vi o seu desespero quando Mila piorou? E até uma vez...

— Perdão, D. Leocádia!, eu disse muito contrariado. A senhora compreende que não vim lembrar o que se passou há tanto tempo para provocar elogios, que não mereço e que, desculpe, não me agradam.

— É assim mesmo: sobre isso não muda de **ideia**. Não o contrarie, mana.

— Está bem, doutor, não se zangue; eu me calo — respondeu a senhora com bondade.

— Repito, continuei, não fiz mais do que a minha obrigação; e, quando recusei a recompensa generosa que o Sr. Duarte me ofereceu, tive uma razão para isso. Não sei se lhe disse?

— Creio que sim; mas não me recordo bem.

— Recusei por interesse...

— Ora, doutor...!, murmurou timidamente a tia de Emília.

— É verdade, D. Leocádia, por interesse e ambição! Também tenho as minhas superstições! Acreditava, e ainda acredito, que a minha primeira cura me devia dar felicidade, se eu a devotasse como oferenda à ciência e à humanidade. E não me enganei...! Foi sua amizade, Sr. Duarte, e a maneira pela qual recomendou o meu nome aos seus amigos que me fizeram conhecido e chamado.

— Você quer dizer o seu talento; isso sim é que o fez conhecido e irá torná-lo um dos primeiros médicos do Rio de Janeiro.

— Não tenho tais pretensões. Já vê, pois, D. Leocádia, que meu desinteresse não passou de uma pequena especulação feita sobre a amizade e gratidão de sua família!

Durante esta conversa, eu não tinha deixado de observar Emília. Ela estava ainda na janela; a princípio fez um movimento para se voltar, que logo reprimiu depois de colocar a mão na frente e conservar-se imóvel.

As minhas últimas palavras a arrancaram bruscamente dessa atitude pensativa; atravessou a sala e veio se sentar no sofá, defronte de mim. Ela era toda desdém e orgulho. Nós cruzamos um olhar, como dois adversários cruzam as armas, começando o combate.

— O doutor está sendo agradável!, disse-me D. Leocádia.

— Além do mais, eu não fui tão desinteressado como parecia, porque... Deve se lembrar, Sr. Duarte... Recusando naquela ocasião prometi contudo que, se alguma vez me achasse com problemas, não pediria ajuda a nenhuma outra pessoa...

— É exato! O senhor me deu a sua palavra... Mas infelizmente ainda não chegou essa ocasião e receio que nunca chegue.

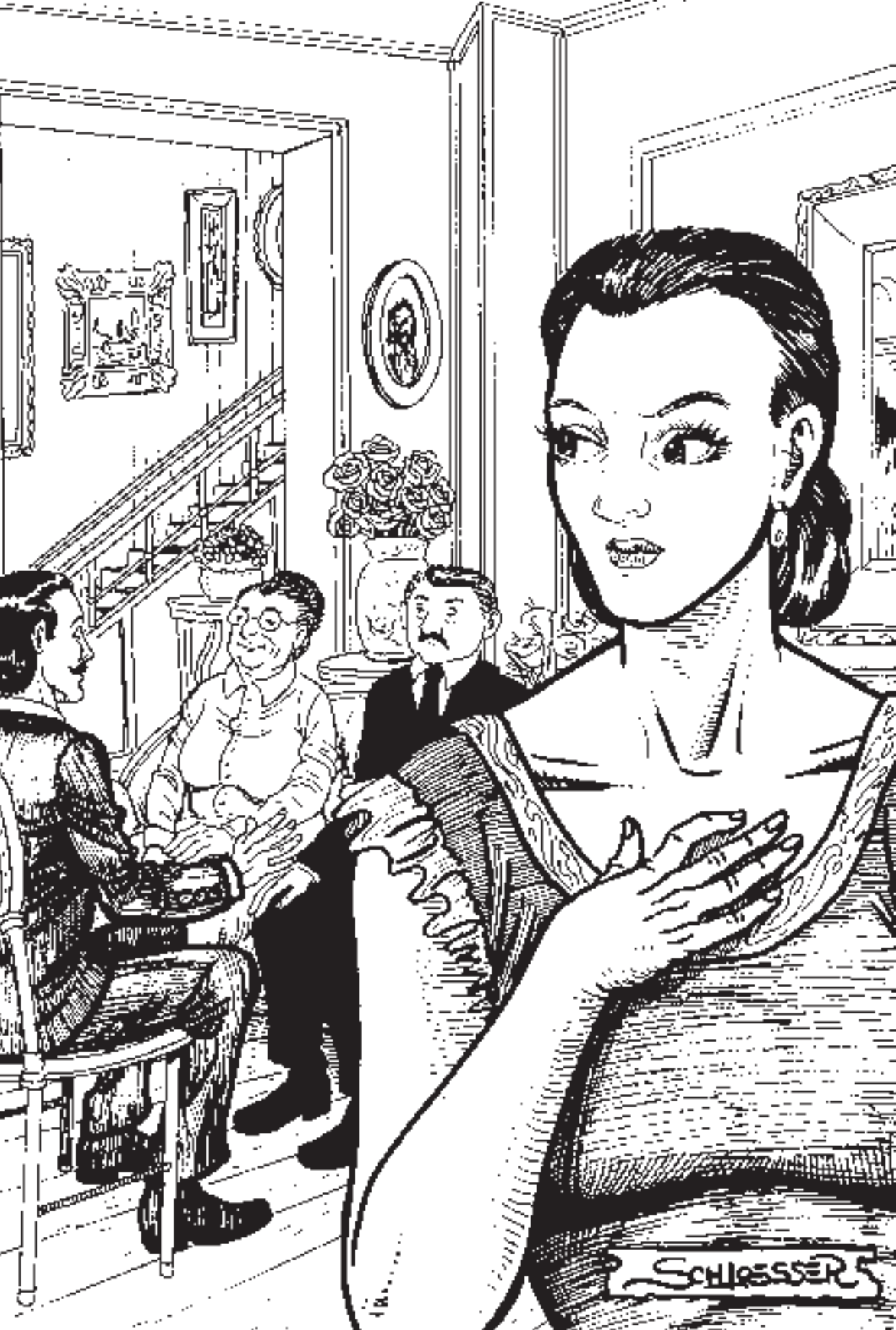
— Pois chegou!, eu disse corando, contra minha vontade.

Não bastasse a punição que eu ia impor a essa moça, e a zombaria de minha simulada ação, não pude evitar o vexame de parecer um instante dominado por mesquinho interesse financeiro diante de pessoas que gostavam de mim. Mas o prazer da vingança me arrastava.

— Seriamente, doutor?, exclamou Duarte. — Não sabe quanto isso me alegra. Conte francamente comigo. De quanto precisa?

— Fale, acudiu D. Leocádia. — Não se acanhe. Mano José deseja sinceramente mostrar sua amizade ao senhor.





Emília me conhecia bem; depois do que havia passado entre nós, ela sentia que eu era homem a morrer na miséria antes de estender a mão ao dinheiro do pai. Seu olhar congelado em mim parecia querer arrancar do fundo da minha consciência a minha intenção secreta.

— Interesse-me — disse — por uma criança desamparada que perdeu os pais... Espero colocá-la no recolhimento das órfãs e desejava nessa mesma ocasião fazer-lhe uma pequena doação...

— Muito bem, doutor!, exclamou D. Leocádia. — Não pode haver dinheiro mais bem empregado!

— E eu tenho o maior prazer em ajudar a realizar tão bela ação! De quanto será a doação que nós devemos lhe fazer?

— Com licença, Sr. Duarte! Eu protesto contra esse *nós*: a doação tem de ser dada por mim só; quero ter o egoísmo dessa boa ação, a primeira e talvez a única de minha vida.

— Que teimoso que ele é!, observou D. Leocádia rindo.

— Meu egoísmo, porém, não deve prejudicar a minha protegida, privando-a da caridade de uma família que tantos benefícios pode lhe fazer. Por isso desejo que também a conheçam...

Tirei da carteira a lembrança dada a Geraldo pela irmã.

Emília, que tinha mudado de cor desde que eu falei na menina, fez um gesto, como se, ao primeiro impulso, quisesse arrancar das minhas mãos o papel que eu lia. Mas, em vez desse movimento, o corpo perdeu as forças, como um corpo que a vida faz desmaiar: a sua arrogância se rendia vencida.

— Deste modo, Sr. Duarte, eu insisto ainda na minha primeira **ideia**... na minha superstição. Eu reflito ainda! A minha primeira cura será sempre o melhor momento da minha vida; com o preço dela, poderei livrar da desgraça uma pobre criatura! Ao mesmo tempo livro o senhor da violência que fiz à sua generosidade, recusando outrora o pagamento dos meus serviços.

Destas palavras, aquelas que tinham uma significação financeira, minha voz as pronunciava com tal dureza que parecia querer lhes dar o som metálico de moedas.

— Aqui tem a minha conta — concluí.

Emília tremeu.

— Que é isso, doutor?, exclamou o negociante ressentido.

Diva

— Cem mil-réis<sup>10</sup>...?

— Pelo tratamento de Emília?, falou D. Leocádia.

— Acha que é muito?

— Ora, o senhor está zombando da gente! Pois teremos que lhe dar somente essa ridícula quantia pelo trabalho imenso que teve...

— Que trabalho! Umhas vinte visitas, que para um médico principiante são generosamente pagas a cinco mil-réis!

— O que é que você chama visitas, doutor? Passar as noites em claro...

— Olhe lá, D. Leocádia. Estou me aborrecendo com a senhora!

— Decididamente, Dr. Amaral, não lhe pago esta conta. Se quiser acrescentar um valor, bem!

— Neste caso ficaremos como antes.

— Mas escute, doutor...

— O melhor é não falarmos mais disso!, eu falei.

Emília se ergueu de forma repentina.

— Papai, pode me dar essa conta!, disse ela. Sua mão tremia segurando o papel, que ela devorou com a vista, de pé, junto à mesa.

Você adivinha, Paulo, o sentimento e a intenção com que eu tinha escrito essa conta: seu nome, sua pessoa, sua vida, posso dizer, sua vida de moça bela, rica e adorada, ali estava avaliada no mesquinho algarismo! Eu lhe dava plena quitação do seu reconhecimento!

Ela ficou muito tempo lendo; depois, as pálpebras rosadas, com franjas de longos cílios, desvendaram os olhos, que ela pôs em mim, úmidos do leve florescimento de uma lágrima.

— Sou eu quem deve pagar ao senhor!, ela me disse, vibrando a voz.

E, ao mesmo tempo, o papel voou em pedaços sobre a mesa.

— Mila...!, murmurou D. Leocádia.

Emília atravessou o salão e desapareceu.

— Ela tem razão!, disse o pai se erguendo. — Entre nós, doutor, não há necessidade de contas, nem de recibos. Vou lhe dar...

— O quê, Sr. Duarte?

<sup>10</sup> Antiga moeda brasileira.

— O menos que é possível... os seis dígitos.

— Não precisa! Já disse... vamos falar de outra coisa.

Esta cena, que eu acabava de representar, havia me cansado horrivelmente. Mudei de conversa. Veio o chá, e Mila não voltou à sala. Retirei-me triste.

No dia seguinte, mandei um procurador receber do Sr. Duarte com uma ordem minha os cem mil-réis. Esse sujeito ia prevenido; disse ao negociante que, para evitar demoras, tinha dado aquele dinheiro ao recolhimento, de modo que se tratava de um reembolso. O pai de Emília foi obrigado a ceder.

Tive nesse dia alegrias de menino. Como uma criança... E eu o era, então; homem para a razão, sim, mas criança ainda para a paixão que não tinha envelhecido minha alma!... Ria só, enchia a imaginação das **ideias** extravagantes... Não se revolte, Paulo! Já confessei a você: essa mulher, que devia envelhecer meu coração, começava me fazendo menino.

Desde então percebi em mim um desejo novo, um desejo vivo e ardente de ver Emília. Não podia voltar à casa de seu pai, que eu visitava de vez em quando, sem mostrar ansiedade que não devia. Esperava encontrá-la em Matacavalos; mas nessa **quinta-feira** deixou de ir à partida de D. Matilde. A menina havia entrado para o recolhimento; eu cumprira a promessa feita a Geraldo como se nada tivesse passado. Ele me disse que a irmã não lhe fizera a menor observação; mas ela soube pela velha que eu tinha acrescentado, sempre em seu nome, a doação da sua protegida.

Fazia justamente uma semana que eu tinha ido ao Rio Comprido; muito cedo ainda, às sete horas da manhã, recebi um bilhete de D. Leocádia.

Ela dizia:

“Nós o esperamos hoje para jantar. Não lhe digo o motivo deste convite de propósito, para que a curiosidade de saber o obrigue a vir sem falta e mais cedo”.

A letra era de Emília.

Eu tremi! É verdade, Paulo! Não conhecia ainda o caráter dessa menina; mas já sabia que ousadias tinha seu orgulho de mulher bela, habituada a ver o mundo aplaudir todos os seus caprichos.

Que nova humilhação ela me reservava!

## IX

Admirei-me, chegando, da ausência de convidados, especialmente da família de D. Matilde.

— Parece que não esperam mais ninguém— respondeu-me o criado. — O senhor mesmo janta na cidade.

Entretanto a casa, cujos reparos haviam completamente terminado, estava preparada como para grande recepção: notava-se em toda ela o ar de festa que engrandece a fisionomia dos edifícios como a das pessoas, porque os edifícios são influenciados pela alma dos que os habitam.

D. Leocádia veio me receber.

— Já sei que está muito curioso de saber o motivo deste jantar?

— Acredito que, apesar de não ser dos mais espertos, já o adivinhei!

— Certo! Vamos ver!

— É mais uma prova da sua bondade para comigo e de seus repetidos favores...

— Pois não acertou! Pretendíamos, logo que se acabassem as obras da casa, reunir aqui todas as pessoas da nossa amizade; porém mano José não entende destas coisas, Geraldo é uma criança... E nós queríamos saber a opinião de uma pessoa de gosto... Talvez note alguma coisa que não pareça bem!

Era um pretexto. D. Leocádia repetia a lição que havia recebido da sobrinha. O império dessa menina era tal que não obrigava apenas obediência às pessoas que a cercavam; obrigava-as a se identificarem com a sua vontade, anulando-se.

Emília apareceu. Na simplicidade extrema de sua roupa, ela parecia apenas vestida, tal era o realce de sua beleza nativa e a sobriedade dos enfeites; entretanto, nunca roupas de virgem foram assim tão sem encantos. A beleza não se mostrava, revelava-se.

Ela vinha, como sempre, coroada pela soberania majestosa, que era o gesto de sua beleza; porém nesse dia sua fronte, como sempre tão límpida, sugeria uma vaga sombra, de uma mágoa tal-

vez. Cumprimentou-me, não fria, mas séria; foi até a janela e veio depois sentar-se ao piano. Enquanto eu continuava conversando com D. Leocádia, suas mãos corriam lentamente pelo teclado, que lançava uma harmonia frouxa e triste.

D. Leocádia havia saído um instante.

O piano se calou, enfim. Eu vi Emília de pé no meio da sala, hesitando no passo que a devia aproximar de mim:

— Perdoe-me!, ela me disse.

E a voz que disse isso tinha variação de sons sublimes.

— Sei agora quanto o ofendi! Não sabia quanto lhe devo! Minha tia me contou...

— A senhora não me deve nada, D. Emília. Estou pago! Já recebi o meu salário. Foi o preço de uma gratidão que tanto a incomodava!

— Não me diga isso! Seja generoso!

— Quem deve sou eu. Um doente rico tem à sua disposição todos os médicos e os melhores; mas, para um médico principiante e desconhecido, um doente que paga bem é uma fortuna!

— Eu mereci essas palavras, porque fui má e injusta... Fui até sem delicadeza...! Mas se confessasse ao senhor... teria pena de mim!

— Confessar o quê, D. Emília?, perguntei comovido.

A tia voltava.

— Daqui a pouco...!

Ela articulou essa palavra já calma e sem o menor vexame, com a voz tão clara, que D. Leocádia devia ter ouvido. Eu ia de mistério em mistério. Que significava a estranha confiança de Emília? Que dizia aquele misto de franqueza e reserva, de calma e emoção?

Depois de jantar, fomos à chácara.

A simpatia, ainda cerimoniosa, mas doce, com que Emília me tratava foi tão sensível que D. Leocádia notou.

— Ah! Já fizeram as pazes?, disse-nos a senhora. — Muito bem!

— Nunca estivemos mal, minha tia. Não nos conhecíamos; não é verdade?, replicou Emília voltando-se para mim.

A maliciosa e gentil menina, que dirigia o passeio, andava

Diva

de propósito com extrema rapidez para cansar a tia: afinal, conseguiu.

— Não posso mais! Estou muito cansada!, murmurou D. Leocádia, deixando-se cair num banco de pedra.

Estávamos junto de uma cascatinha, onde tinham arranjado uma gruta, um pequeno lago e outros embelezamentos.

— Venha ver a cascata!, Emília me disse.

Acompanhei-a até a margem do tanque; ficamos apenas a alguns passos de D. Leocádia, porém o barulho das águas entre as rochas abafava nossas palavras. Emília brincou com umas flores aquáticas que vegetavam nas fendas, saltando de pedra em pedra. Eu a vi quase deslizar sobre uma ponta de rochedo coberto de musgos e batido pelas águas.

De repente, voltou-se:

— O senhor me acha muito ingrata?

— Eu, D. Emília?

— Oh! Não negue! Eu sinto...! Pois se enganou! O que eu sou... Talvez não saiba dizer ao senhor...

Ela abaixou os olhos para a espuma que tocava seus pés.

— Sou... um espírito que duvida, um coração que vacila!

Eu não compreendia; estava surpreso.

— Esta gratidão que eu dedico ao senhor há três anos — continuou ela — tem sido a minha única alegria!

— Como é possível, D. Emília? Não acredito!...

— Pois acredite! Tenho uma testemunha...

— Qual?

— Conhece...?

— A minha carta...!

Ela tinha passado rápida pelos meus olhos a carta que eu tinha escrito ao pai logo depois do seu restabelecimento.

— Está assim amarrotada... Não sabe por quê? É ela que envolve os cabelos de minha mãe!

Ambos ficamos mudos. O papel desapareceu outra vez; tinha-o escondido no seio. Passado um instante, Emília falou de novo, mas distraída, como se falasse consigo mesma:

— Não acredito no amor...! Alguma coisa me diz que não amarei nunca...! Entretanto, o coração sente... tem necessidade



SCHLESSEK



Diva

de uma afeição criada por ele só e que não venha do sangue. Há uma porção da alma que pertence à família e vive nela, como as raízes desta planta, no seio da terra que a produz... Mas a outra porção, essa é nossa unicamente e também precisa sentir e viver! Não é assim?

— Deus quis que fosse assim, para que a humanidade existisse.

— Deus quis... Mas por que ele colocou na minha alma esta dúvida cruel?... Tenho dezessete anos e já me sinto órfã das minhas esperanças!

— A senhora, D. Emília? Que lhe falta? Espírito, beleza e riqueza, tudo que o mundo admira...

— Eu prefiro não ser admirada, mas...

Ela hesitou e reprimiu a palavra que ia pronunciar.

— Não vamos falar nisso. Já lhe disse que não acredito em paixões. Durante o ano que passou, desperdicei por aí, por essas reuniões, meus sonhos, minhas alegrias, minha alma! Sabe o que eu trazia? A desilusão...! Quando entrava em mim, não achava senão uma lembrança doce e pura... Era a minha boa gratidão, o reconhecimento que eu lhe devotava... E não sabia tudo ainda... Não tinha ainda aqui, como agora, suas lágrimas...!

— Obrigado, D. Emília!

— Oh! Não me agradeça...! Escute-me! Essa gratidão, esse sentimento bom e puro, era uma coisa minha, escondida e desconhecida, que eu dedicava no silêncio de minha alma à sua memória... porém não ao senhor!

— Ah!

— Do senhor, eu tinha medo, quando o via. Tinha medo de que me arrancasse também do espírito mais essa doce ilusão. Desculpe-me: eu não o conhecia então. Duvidava...

— Mas por qual motivo? Percebeu alguma vez em mim a menor intenção de abusar...?

— Nunca...! Era uma coisa que eu não controlava! Um medo vago e indefinível... Parecia que o hálito de sua primeira palavra vinha murchar em minha alma a única flor de sentimento que havia brotado nela... E eu me defendia o afastando... Naquela noite... não o entendi... Disse aquelas más palavras... Perdoe-me!

Eu também sofri... Sofri mais porque elas não eram vingança, não. Gemidos, sim, de quem perdia muito...

Fui eu, então, eu insultado e tratado com desdém, que pedi a essa mulher o perdão de minha vingança. A tarde caía. A solidão começava a se encher de sombras, de perfumes, de silêncios. Emília absorveu com delícia esse respiro dos campos na hora do crepúsculo.

— Que linda tarde!, murmurou. — Aqui... parece que eu poderia acreditar... Mas lá...!

Seu lábio desfolhou um triste sorriso.

— Vamos, Mila!, disse D. Leocádia.

— Sim, minha tia.

Ela estendeu, entre as rendas de seu lenço, a ponta dos dedos, que eu apertei de leve.

— Seja meu amigo!

E desceu como uma brisa, voando sobre as pedras da cascata.

## X

Toda a noite, tive deslumbramentos na alma.

Que esfinge era essa moça de dezoito anos?

Virgem, que o rigoroso pudor guardava, e falando de amor com a franqueza e a calma de quem já tinha se saciado dele! Coração puro de paixões e vazio já de esperanças!

Seria o congelamento precoce do sentimento?

“Não!”, eu pensava. Deve ser a ingenuidade da inocência. As rosas de sua alma não podem ter murchado assim na primavera da vida; estão apenas em botão; o que as desmaia é sombra da infância ainda, e não o verme do coração — a dúvida.

Amava Emília, sem saber; comecei a adorá-la.

Que horas encantadas vivi repassando na memória os seus desdéns! Agora eu os compreendia: eles me revelavam a tormenta

Diva

de uma paixão nascente, que cobre a manhã da vida, como as tempestades dos primeiros dias do ano. Ela tinha medo de me amar... Talvez já me amasse, resistindo ainda!...

— Meu Deus!, exclamei. — O que eu fiz para tanta felicidade...!

Uma única coisa me parecia sem explicação, depois da confiança de Emília. Era a maneira pela qual tinha me recebido a primeira vez depois da minha volta. Era principalmente aquele olhar com faíscas de cólera, de tão arrogante cólera! Não havia nos seus olhos despeito só ou antipatia; tinha havido mais que ódio, profundo rancor.

Uma vez pedi explicação desse olhar; ela corou:

— Não me pergunte isso...! Não lhe direi nunca!

Dois dias depois da nossa conversa junto à cascata, fui a Matacavalos, onde esperava encontrá-la. Ia cheio de sensações de tão sonhadas esperanças, inundado da felicidade que brotava em meu seio... Ia assim, transbordando dilúvios de imenso amor, que mal esperava para me jogar a seus pés. E bastou a sua presença para acabar de repente com as manifestações de alegria de minha alma.

Ela respondeu ao meu cumprimento de forma amável; mas... Era o mesmo sentimento que dispensava aos seus adoradores! Quanto achei doce o desdém do passado, que ao menos me diferenciava! Emília mostrava ter esquecido completamente o que tinha havido entre nós três dias antes. Uma vez, no correr da noite, quis falar com ela. Vendo-me aproximar, toda sua pessoa se envolveu de repente na frieza glacial, que de longe já tinha congelado minha palavra nos lábios. Essa mulher, cheia de graça e vida, tinha o mágico poder de se fazer mármore, quando queria. Nessa noite, ela se retirou mais tarde do que de costume. Ao sair, passou junto de mim sorrindo:

— Não quis conversar comigo hoje?, disse com um doce tédio.

Faz **ideia** do espanto que tive!

Emília continuou a ser para mim uma esfinge. Animado por aquela palavra carinhosa, tornei-me presença constante junto dela; porém, encontrava sempre a mesma recepção; gelo na fron-

te, sarcasmo no lábio. Era quando eu menos esperava, em algum momento em que nos achávamos sós, que ela jogava sobre mim, num olhar ou numa palavra, a ternura de sua alma. Mas depois, quantas amarguras, quantos azedumes não me custavam aquelas gotas de mel?

A reunião de que tinha me falado D. Leocádia realizou-se afinal. Era o aniversário do Sr. Duarte. A casa do negociante se encheu pela primeira vez de uma multidão de convidados. A festa começou de manhã e acabou em um baile maravilhoso no amanhecer do dia seguinte.

À noite, uma cascata de luz, brotando dos salões, seguiu pelos jardins e caminhos da chácara. Os chafarizes de mármore jorravam rubis e diamantes líquidos. As folhas, que a brisa balançava, eram as esmeraldas, nesse enfeite do baile, tremulando entre brilhos de ouro.

Que luxo grandioso, que demonstrações de riqueza, a natureza e a arte não derramavam sobre aquela festa noturna! Um céu se abriu ali; e a sua deusa atravessava com gesto majestoso a via-láctea dos salões resplandecentes. Seu passo tinha o calmo deslize, que foi a qualidade da divindade; ela se movia como o cisne sobre as águas, por uma ligeira ondulação das formas. A multidão se afastava para deixá-la passar, na plenitude de sua beleza. Assim, por entre a luminosa multidão, ela surgia como um sorriso; e era realmente o sorriso gracioso daquela noite maravilhosa.

Eu a contemplava de longe e afastado. Sentia-me triste. O dia inteiro, Emília, mergulhada na festa, nem sequer tinha notado a minha presença. Esquecia-se de si própria, das homenagens ardentes oferecidas à sua beleza, para se ocupar exclusivamente dessa exibição de luxo e riqueza, que ela havia preparado como uma inspiração de artista ou poeta, como um painel ou um poema. Foi só quando o edifício se iluminou e a orquestra derramou harmonia que Emília se recolheu a si. Sem dúvida, nesse momento, ela deixou de ser artista para ser mulher. Vi-a algum tempo distraída e isolada em sua alma, no meio da multidão de adoradores.

De repente, assustou-se; como uma estrela que surge em noite sem nuvens, começou a brilhar. A quadrilha a chamava. Ela

Diva

atravessou a sala, plantando sorrisos e sonhos na alma daquela multidão maravilhada, e desapareceu.

Fiquei onde estava, sem ânimo de segui-la.

Eram onze horas já. Duas vezes tinha me dirigido à porta para me retirar e duas vezes tinha achado uma desculpa para me demorar. Emília passou pelo braço do Dr. Chaves.

— Qual é a dança que eu lhe dei?, ela me disse com a maior naturalidade.

Essa palavra me magoou ainda mais. Eu pensava que Emília reparasse no meu distanciamento; tinha me iludido.

La desfazer o seu engano, quando ela me interrompeu:

— Ah...! Foi a sexta... É esta!

Depois se voltou para seu par:

— O senhor permite...?

Deixando o braço do deputado, tomou o meu.

— Acho que a senhora se enganou, D. Emília.

— É mesmo...?, disse sorrindo.

— Com certeza! Só um engano podia me dar este prazer. Eu não pretendia pedir que dançasse comigo.

— Pois eu acho que foi o senhor quem se enganou. Não lhe perguntei qual foi a quadrilha que me pediu, mas sim a que eu lhe dei... embora não me pedisse!

— Ah! Perdão!

— Eu devia — respondeu-me séria. — Lembre-se! Era uma reparação.

— Tanto faz! Como eu podia me imaginar tão feliz!

— Por quê? Por dançar comigo?, ela disse rindo. — Meu Deus! O que é essa felicidade que os outros acham em coisas tão pequenas e eu...

— E a senhora...?

— E eu ainda não encontrei na minha vida.

— Não diga isso, D. Emília! A senhora não é feliz?

Tínhamos chegado ao terraço, onde as luzes, brilhando entre as grandes folhas das palmeiras-imperiais agitadas pela brisa, faziam sobre o pavimento uma ondulação constante de claros e sombras. Algumas flores de magnólia exalavam para nós o seu fresco perfume.



Diva

— Não, não sou feliz — disse Emília deixando a cabeça cair. — Nada daquilo em que o mundo pensa que está a felicidade, nada me falta; e eu não a tenho; não sei achá-la onde todos a encontram a cada momento. Às vezes, quantas vezes!, sinto um quer que seja, uma ligeira emoção, como um sorriso que vem surgindo em minha alma. É talvez a felicidade, digo baixinho; e fico muda e encantada para não perturbar dentro em mim esse frágil raio que vai nascendo. Mas de repente tudo some, como se um abismo se abrisse: procuro minha alma nesse vácuo imenso e não a sinto!

Emília falava delicada e triste; nesse momento, ela pôs os olhos em mim e sorriu.

— Se isso fosse uma doença, o senhor me curava; mas não é. E quem sabe? Talvez seja!

— Não é uma doença, não; é outra coisa.

— O quê? Diga!

— Não será um sonho ainda não realizado? Um desejo vago e indefinido?

— Pode ser! Não sei!, respondeu-me com encantadora ingenuidade.

Meu coração se abriu de novo à doce esperança, que dele tinha partido.

Depois desse baile, a casa de Duarte recebeu, todos os domingos, a sociedade que D. Matilde reunia habitualmente nas quintas-feiras. Encontrava-me, pois, com Emília dois dias na semana, além das visitas que algumas tardes fazia ao Rio Comprido.

## XI

As variações de frieza e indiferença com que Emília me tratava não tinham nada que se parecesse com o jogo bem conhecido das moças sedutoras, que desprezam quem as persegue e procuram quem foge delas. Não havia regra nos seus caprichos.

Quando ela queria vir a mim, vinha, de forma natural, francamente, estivesse eu perto ou longe, contemplando-a ou distraído no braço de outra moça.

Emília não tinha rivais, não me disputava com ninguém; dominava-me na soberania de sua beleza e me atraía ou fingia para mim a seu capricho, com um semblante apenas da sua graciosa majestade. Eu era, para essa moça, como um vaso onde ela guardava as essências de sua alma para mais tarde respirar seu perfume. Quando chegavam as horas dessa correnteza do coração, ela me procurava para despejar em mim: a sua palavra apaixonada nascia então em grande quantidade do lábio brilhante. Outros dias, chegava-se muda e distraída; parecia haver dentro dela uma grande solidão, onde seu espírito se perdia.

— Diga-me alguma coisa!, ela murmurava. — Fale-me... Fale do céu, das nuvens, do mar, do que Deus criou de melhor neste mundo...

E eu falava; e ela bebia as minhas palavras, que matavam a sede de sua alma.

Fora esses momentos, em que sua alma sentia uma necessidade irresistível de manifestar-se ou de se distrair, ela parecia me esquecer.

Foi por este tempo que eu tomei uma grande decisão. Sempre tive a **ideia** de ter uma pequena chácara onde me refugiasse às tardes, escapando ao burburinho da cidade.

Aproveitei esse motivo para me aproximar de Emília. Indo visitá-la um dia, vi uma casinha com algo escrito pendurada na aba da montanha, perto de sua chácara. Dali dava para ver o seu jardim, o terraço e as janelas dos aposentos que ela ocupava na face esquerda do edifício. Com um binóculo, eu poderia vê-la a cada momento.

Alugada a casa, veio o medo de lhe desagradar. Sabia eu se era amado? E mesmo que o fosse, o descuido que ia cometer não assustaria uma afeição nascente?

— Não importa!, eu pensei. — É um meio decisivo de saber se ela me ama.

Fui vê-la. Estava no jardim com D. Leocádia; brincava com um grande cão e parecia sentir um indefinível prazer em irritar o **tranquilo** animal. Uma vez corri, pensando que ela ia ser vítima de



Diva

sua ação descuidada; o cão irado rosnava, encolhendo o dorso e rolando a pupila injetada. Emília sorriu; a um gesto de sua mão, o animal foi se deitar a seus pés, acariciando a borda do vestido.

Ela atirou ao cachorro um olhar de desprezo e, tocando-o com a ponta da bota, obrigou-o a se afastar. Depois se voltou para mim com uma expressão indefinível de orgulho misturado com tédio:

— Não tenha medo... Tudo aqui me obedece, até este animal...! Por mais que o irrite... Não passa disso!

Contei-lhe a resolução que tinha tomado de me aproximar dela e o fiz trêmulo e com receio. Respondeu-me com simplicidade:

— Melhor! Estaremos mais perto!

— Pois eu temia que isso lhe desagradasse!

— Por que motivo?

— Já não tem medo...?, perguntei-lhe sorrindo.

— Do senhor...? Não...! De mim... talvez.

Emília tinha dessas frases incompletas, ditas com uma simplicidade inconstante, das quais era impossível compreender o verdadeiro sentido.

Imagine que delícia foram para mim os dois breves meses que passei naquele gracioso retiro do Rio Comprido, onde eu me abrigava todas as tardes numa espécie de colo da felicidade. Trabalhava então com entusiasmo.

As alegrias que transbordavam de minha alma seriam suficientes à vida mais gastadora; eu tinha felicidade em grande quantidade, tanta que chegaria para encher bem duas existências. E, entretanto, não tinha ousado ainda confessar a Emília o meu amor!

Como as plantas mais belas, a minha felicidade só floria na sombra. Era na intimidade e no isolamento que Emília transbordava para mim os perfumes de sua alma. Na sala, apesar de me marcar com a diferença sutil e delicada que é um tato do coração, eu sentia que o seu olhar soberano me confundia entre a multidão, sobre a qual ela reinava pela beleza. As noites nas quais do seu lábio ilustres fluíam ondas de fino sarcasmo, nem a minha submissa admiração tinha lugar perante ela.

Chegou a véspera de Corpo de Deus<sup>11</sup>. Emília estava sentada ao meu lado:

— Amanhã não vou à cidade — ela me disse. — Se o dia estiver bonito como o de hoje, pretendo fazer um passeio, que há muito tempo não faço. Quer me acompanhar?

— Ia suplicar esse favor a senhora, mas não tinha coragem.

— Iremos até o alto da montanha. Quando eu percorria só esses campos altos, os rumores da mata, as grandes sombras que balançam pelas encostas, o deserto da profunda solidão me faziam cismar e sentir coisas que eu não compreendia. Desejava ter ali, perto de mim, alguém com quem falar; um coração amigo que recolhesse o que transbordava do meu, para me restituí-lo depois. Iremos juntos amanhã. Quero ver como sentirei agora ao seu lado o que sentia outrora no isolamento de minha alma.

Às onze horas da manhã, eu esperava por Emília, no lugar que ela tinha me indicado na véspera. Era um bosque largo de bambus, que ficava distante da casa, mas dentro ainda de sua chácara. Para chegar ali, atravessei o mato, que se estendia desde a minha habitação pela encosta da montanha. Havia me disfarçado de caçador, a fim de que o nosso encontro parecesse imprevisto.

Instantes depois de chegar, ouvi rugir a palha dos bambus que fazia um tapete no chão; Emília apareceu. Vinha só.

Confesso, Paulo, que eu senti nesse momento meu coração tremer de frio. Apesar do que Emília me dissera na véspera, o fato de ela querer se achar a sós comigo num lugar desabitado me parecia tão impossível, estava isso tão fora dos nossos costumes brasileiros, que eu tinha evitado semelhante **ideia**. Acreditava que ela viria acompanhada de sua criada ao menos, dando-me assim unicamente a liberdade da confidência, que eu tanto desejava.

Entretanto Emília conservava a mesma calma que tinha no salão; ao vê-la, parecia que ela praticava o ato mais natural. Sorria graciosa. Nem um sinal de acanhamento no cetim da face; nem uma névoa nos olhos claros e calmos.

E ela tinha razão, Paulo, de conservar essa **tranquila** confiança.

Havia na sua beleza um tom de castidade que a defendia melhor do que uma rígida proteção. Eu sentia, muitas vezes, estando

<sup>11</sup> Festejo católico.

Diva

só com ela, a influência dessa força misteriosa, que residia em seu lindo rosto; mas só poderei explicar a você o que eu sentia por uma imagem.

Você tem reparado na doce penugem com que a natureza vestiu certos frutos? Se a nossa mão a alisa, experimenta uma sensação aveludada; se, ao contrário, a arrepia, o tato é áspero. Assim era a inocência de Emília.

Olhos puros podiam se espreguiçar docemente por sua beleza, porque uma tranquila virgindade a tornava macia então. Ao mais leve acanhamento, porém, a alma de quem a contemplasse se magoava na aspereza daquela beleza, tão suave há pouco.

Não era preciso que Emília dissesse uma palavra ou fizesse um gesto para guardar no íntimo o pensamento ousado que mal tinha surgido. Uma dor íntima me acusava de a ter ofendido, antes que eu tivesse a consciência disso.

Nunca se adorou de longe, na pureza do coração, com respeito profundo e um rígido acanhamento, como eu adorava Emília nas horas que tantas vezes passamos a sós, perdidos naquela solidão, onde não encontrávamos criatura humana.

Avalie a excessiva delicadeza de Emília por dois fatos que te vou contar.

Um dia, repetindo esse passeio da montanha, ela quis atravessar o leito cheio de pedras de um córrego que corria pela mata. Seu pé escorregou; ela ia cair. Estendi os braços para segurá-la. Afastou-me com violência, exclamando irada:

— Deixe-me morrer, mas não me toque!

Outra vez, uma noite de jogo, eu lhe dava o braço. Numa volta, a minha manga, sem perceber, roçou seu branco contorno do seio. Ouvi uma frágil queixa de seus lábios. Voltei-me. Estava parada e pálida, presa de um rápido acesso de raiva. **Aniquilou-me** com um olhar de deusa; retirou o braço; deixou-me imóvel e sem reação no meio da sala.

Por uma semana não quis falar comigo. Quando, afinal, tive o meu perdão, ainda me lembro do modo estranho como me recebeu:

— É a segunda vez que tenho ódio pelo senhor!

Soltando essa palavra, seu lábio carnudo parecia sugar dela

um prazer desconhecido. O nariz rosado tremeu, enquanto os olhos, acesos, afogavam-se num fluido luminoso.

Nessa mesma noite, como uma compensação do que o seu rigor me fizera sofrer, concedeu-me uma graça que eu nunca esperava.

Todos dançavam. Emília sofria como sempre com o tumulto do baile, que era poderoso em sua organização. Apesar da sutileza de beija-flor com que ela voava, não deixando as puras asas tocarem o mundo indecente, eu tinha ciúmes da graça que espalhava assim para todos. E sofria cruelmente, assistindo aos triunfos da sua beleza.

Ela percebeu e veio a mim:

— Por que está triste?

— Porque sou egoísta e não tenho o direito.

Emília sorriu:

— A nossa amizade é uma flor muito suave para este clima da sala. Não acha?

Fazia uma linda noite, sem luar. As copas escuras das árvores nadavam no azul transparente, borrifado pela doce luz das estrelas.

Emília encostou-se à janela e, enquanto falava, seus olhos se banhavam na suave transparência do céu.

— Como está estrelada a noite...! Ali, naquele silêncio, a alma pode se abrir; não é verdade? Não há barulho que a assuste, nem esse vapor que abrasa...! Eu gosto da noite...! É mais doce que o dia. É quando eu sinto, quando sei melhor sentir, é à noite; principalmente nas noites escuras, como esta, em que só há estrelas! O sol me alegra, como a grande claridade das salas, e me anima. Eu acho que as horas em que sou mais bonita são ao meio-dia no campo e à meia-noite no baile! Não sabe por quê? Tenho bebido muita luz; a luz é um alimento para mim. Mas a hora em que sou mais bonita não é a hora em que me sinto melhor, acredite! Na sombra, sim, conheço que meu coração é bom. Pareço-me com as flores. De dia, as cores mais vivas; de noite o perfume mais suave!

Eu escutava Emília, encantado como sempre, porque, em nossas conversas íntimas, ela fazia brilhar a graça de seu espírito inconstante. E, se vinham de volta alguns raios dessa fragrância,



SCHLOSSER

que ela chamava perfumes de sua alma, eu os recolhia santamente no coração.

Enquanto ela falava, eu reprimia a respiração para não perturbar a melodia de suas palavras. Se me perguntava alguma coisa, tinha medo de lhe responder; parecia que minha voz ia desfazer o meu encanto.

— As melhores horas da minha vida, vivo-as de noite. É quando Deus me visita. Ele desce nos raios das estrelas e entra em minha alma, aberta para recebê-lo. Tenho-o sentido aqui dentro tantas vezes...! Veio-me agora um capricho...! Olhe...! Quando essas luzes se apagarem e todos recolherem, quero aproveitar desta bela noite... Mas tem de ser lá, à sombra daquelas jaqueiras, à beira do lago.

As jaqueiras de que Emília falava ficavam muito distantes da casa. Sem sentir, movi a cabeça com um gesto de dúvida.

— O senhor não acredita? Pois vá até lá.

— Permite...!

Seu olhar puro pousou em mim, como uma linda criança se aconchegando no colo materno.

— À uma hora. Eu o espero.

Que estranha e bizarra criatura, Paulo! Com que desdém, ela, frágil menina de dezessete anos, pura como um anjo, colocava aos pés todas as considerações sociais, todos os prejuízos do mundo! Ela me dava a maior prova de confiança e o fazia de forma singela e natural, apenas com uma dignidade meiga de rainha cheia de compaixão.

Arriscava por mim sua reputação, e nem a mais leve preocupação passava pela sua cabeça calma. Enfim, Emília me dava esta entrevista, alta noite, em um lugar escondido, como tinha me convidado para um passeio em Santa Teresa, como tinha me dado a primeira dança, como me daria uma flor, um sorriso, um olhar. E tinha razão.

Ela estava, em qualquer lugar, mais protegida pela sua inocência celestial do que tantas mulheres indecentes no meio de um salão.

## XII

Era uma hora da manhã.

Eu esperava Emília com os olhos fixados na janela de seu quarto, as únicas em toda a casa que ainda apareciam levemente claras. Já disse a você que os aposentos de Emília, um quarto, uma sala de vestir e uma de trabalho, ocupavam a face esquerda do edifício. Desse lado o sobrado se apoiava em uma elevação da colina, que tinha lhe servido como alicerce e que, para elegância da construção, o arquiteto tinha disfarçado com um terraço.

A sala de vestir de Emília abria uma porta para esse terraço. Ali, no quadro iluminado pela claridade interior, eu via de longe seu vulto elegante se desenhar. Avançou até a borda do rochedo.

— Que ela vai fazer, meu Deus!, gaguejei trêmulo e frio de susto.

Esquecendo tudo, para só me lembrar do risco imenso que sua vida corria, corri para soltar um grito de pavor que a fizesse parar; mas ela, escorregando pelas pontas do rochedo, já estava na planície. Pouco depois, estava junto de mim, calma, risonha, sem o menor cansaço.

— Aqui estou!, disse afoitamente, abaixando o capuz da longa capa.

— Para que arrisca assim a sua vida, D. Emília? Se eu soubesse... não tinha aceitado!

Ela ergueu os ombros com desprezo.

— Ainda estou frio...! Parecia a cada momento que ia escorregar e...

— Morrer...! Se não fosse isso, eu teria vindo? Podíamos ficar onde estávamos, **tranquilamente** sentados no sofá... Para que serviria a vida, se ela fosse uma cadeia? Viver é gastar, desperdiçar a sua existência, como uma riqueza que Deus dá para ser usada. Os que só cuidam de preservá-la dos perigos, esses são os piores pães-duros!

— E quem evita o mais belo sentimento, quem foge de amar, não é pão-duro também da vida, do seu coração e das riquezas

de sua alma? A senhora é, D. Emília! Oh! Não negue!

— Como ele se engana, meu Deus!, exclamou Emília erguendo ao céu os belos olhos.

— Que diz?... Então posso acreditar enfim?

E murmurei ofegante:

— É verdade que me ama?

Nunca, até aquele momento, durante dois meses vividos em doce intimidade e no aconchego próximo de nossas almas, nunca a palavra amor fora dita em referência a nós. Emília me dava, como você já sabe, todas as preferências que podia desejar o escolhido do seu coração e tinha assumido comigo o poder da mulher amada com paixão. Ela imperava em mim como soberana absoluta. Seu olhar me tiranizava e fazia em minha alma a luz e a treva.

A fonte de minhas alegrias, como de minhas tristezas, tinha origem de seus lábios. Se eles se abriam, meu coração se abria também, em flor ou ferida, conforme o sorriso era orvalho ou espinho. Ela tinha consciência disso, mas insistia em chamar, ao sentimento que nos ligava, uma boa e santa amizade. Às vezes que eu ousava começar o nome doce e verdadeiro do meu sentimento, seu olhar afiado cortava a palavra que nascia; a minha culpa era rigorosamente punida com alguns dias de indiferença completa.

Naquela noite, porém, achei que era chegada a hora da minha felicidade. Tudo me anunciava. Essa entrevista alta noite, a solidão que nos cercava, os perigos que Emília tinha enfrentado para ficar um pouco comigo, a calma satisfação derramada por toda sua pessoa e até a última palavra que dizia invocando a Deus; tudo isso não me dizia bem, e com a clareza sublime das paixões irresistíveis, que ela me amava?

Pois bem, Paulo; ouvindo a minha trêmula interrogação, Emília demorou seu olhar sobre mim e me disse com uma **tranquilidade** esmagadora:

— Não; não o amo!

Depois, como se quisesse acalmar a dureza dessa declaração, adozou a voz para acrescentar:

— Não o amo... ainda!

— E nunca irá me amar!



Diva

— Por quê? Escute! Não se zangue comigo. Sou sincera; disse-lhe que não o amo ainda, é a verdade. Vou amá-lo algum dia? Só Deus sabe. Sente-se aqui perto de mim; vou lhe fazer uma confissão.

Ajoelhei-me junto ao banco.

— De joelhos? Mas eu é que devia estar, pois sou eu quem se confessa!, disse ela rindo. — O senhor supõe que eu seja um coração frio e egoísta... pão-duro de amor, como dizia. É exatamente o contrário. Devia dizer um coração pobre, miserável de amor, mas ambicioso, devorado pela sede imensa... Amor! Amor! Não peço a Deus todos os dias que me encha dele? Se eu o tivesse, daria ao senhor sem pensar toda a minha vida, sem guardar para mim nem um instante dela! Tivesse eu essa riqueza, então o senhor não me chamaria pão-dura, mas esbanjadora e louca, porque eu sinto que seria assim: louca, de minha louca paixão!

— Eu pensava que tinha medo de amar? Acredito que me disse.

— De amar, não; mas dessas ilusões passageiras, que murçam o coração. Quero o meu bem vivo, para dá-lo todo a quem for senhor dele. Talvez aquele a quem o der o despedace. Apesar de que deva haver delícias encantadoras neste mesmo sofrimento! Depois, que supremo consolo! Sentir o orgulho de só ter amado uma vez na vida...! Sentir que não restam do primeiro e único amor a não ser cinzas do coração extinto!

Esquecido já do desengano que tinha recebido há pouco, eu me agitava sob a palavra apaixonada de Emília, como se fosse o feliz que devesse merecer tão sublime paixão!

— Medo de amar!, ela exclamou. — Pois saiba que mãe nenhuma olhando o primeiro sorriso nos lábios do seu filhinho teve os tremores de felicidade com que eu observo o primeiro palpito de meu coração. Meu Deus, que alegria imensa não deve ser o amor, quando a esperança dele nos enche assim de contentamento! Foi há cinco meses... quando o senhor voltou... Pensei que ia amar.

— A mim?

— Sim, ao senhor. E desde então investigo minha alma; escuto-me viver interiormente... Lembrei-me até de escrever o

que eu sentia. Seria a história do meu coração. No dia em que ele me dissesse que eu o amava, sem que o senhor me perguntasse, sem o menor acanhamento, lhe confessaria. Acredite!

— E seu coração até agora nada lhe disse ainda, D. Emília?

— Meu coração me diz que eu gosto tanto do senhor como do meu pai; que o senhor ocupa uma grande parte da minha vida; que sua lembrança se gravou e não se apagará mais nunca em meu pensamento; que as horas que passo a seu lado são as mais doces para mim; que nenhuma voz toca mais suavemente as cordas de minha alma. Eis o que me diz o meu coração; mas ele não diz que pelo senhor eu sacrificaria tudo, as considerações do mundo, minha família, os meus gostos e os meus sentimentos; ele não diz que o senhor bastaria à minha vida e a encheria tanto, que não haveria mais lugar nela para outro pensamento e outro desejo. Não diz isto; logo, eu não o amo!

— Mas, D. Emília, preste atenção! A senhora se engana talvez...

— Sei o que pensa. Na sua opinião, o amor assim é impossível! Pois eu lhe juro... eu só amarei assim.

Emília se ergueu.

— Ao menos me diga. Posso ainda ter uma esperança?

— Eu a tenho!, respondeu-me.

Se o mundo soubesse um dia a história que eu conto a você, Paulo, ele exclamaria sem dúvida: “É impossível! Essa mulher não existiu!”. E o mundo teria razão.

A Emília, de que eu te falo, não existiu para ninguém mais a não ser para mim, em quem ela viveu e morreu. A Emília, que o mundo conheceu e já esqueceu talvez, foi a moça bela, que atravessou os salões, como a borboleta, atirando às multidões o pó dourado de suas asas. A flor, de que ela buscava o mel, não vivia ali, nem talvez na terra. Seria flor do céu?

## XIII

Havia no tratamento de Emília uma variação incompreensível.

Às vezes era uma ternura suave e cheia de compaixão, como se ela quisesse me consolar por não ser amado; outras vezes parecia que a minha paixão a irritava. Tinha então o coração grosseiro e a palavra amarga; mas era justamente nessas ocasiões de tormenta que eu via brilhar em seus olhos um raio de amor e sentia vibrarem as cordas vibrantes de sua alma.

Uma noite, pedi-lhe que não dançasse mais com o Barbosinha; não que eu tivesse ciúmes disso; mas ele era desses homens ridículos cujo contato mancha uma senhora. Emília recusou, e eu voltei magoado.

No dia seguinte, encontrei-a irritada comigo:

— Não permito mais que me ame!, ela me disse voltando as costas.

Poucos instantes depois, passou pelo braço do Barbosinha e me lançou este desafio:

— Tire-me do braço dele, se quiser...!

Emília tinha um zelo muito grande pela sua espontaneidade. Ela temia que o menor atendimento às minhas súplicas valesse como uma prova de amor? Quando eu lhe pedia alguma coisa, mesmo pequena e insignificante, dessas que a moça mais rigorosa pode conceder a qualquer um, ela recusava sempre e com tal firmeza que tirava minha coragem de insistir. Se eu me irritava, zombava de mim; se aceitava e esquecia sua negativa, vinha espontaneamente com uma singela mas soberana dignidade me conceder alguma prova de afeto, que eu nunca tinha me animado a esperar.

Lembro-me de uma vez que, eu insistindo por um botão de rosa que ela tinha nos cabelos, Emília conservou-o no seu penteado por muitos dias até secar; como se achasse um prazer infinito em prolongar assim a sua recusa. Dias depois, sem que eu lhe pedisse, de improviso, deu-me o seu retrato.

— Guarde-o para lembrar-se de mim!

Depois da noite em que estivemos juntos à borda do lago, Emília parecia me evitar. Tinha passado uma semana. Eram oito horas da manhã; manhã de inverno, coberta de grosso nevoeiro, que deixava no ar uma chuvinha muito fina.

Resolvido a não ir à cidade a não ser mais tarde, eu estava sentado à janela, donde avistava a casa de Duarte. Esperando ver Emília passar na varanda e me cumprimentar de longe, como às vezes fazia, eu refletia sem querer sobre esse caráter original de moça.

De repente sou arrancado das minhas reflexões por uma chuva de flores; e ouço perto o gorjeio de um riso melodioso, que os ecos de minha alma tanto conheciam. Emília estava defronte, além da cerca de espinheiros que dividia o meu jardim da sua chácara. Uma capa de cor escura cobria quase todo o seu vestido, e o capuz meio erguido moldurava graciosamente seu rosto divino. O exercício tornou mais vivo o saboroso encarnado das faces, onde escorriam algumas gotas da chuva. Seus olhos negros davam pequenos saltos de prazer, como dois passarinhos voando ao meu encontro. Curvava-se para colher os botões de flores que me atirava; e tão suaves eram as flexões desse corpo que, apesar das largas roupagens, percebia-se a doce vibração do movimento revelado exteriormente por um ondulado harmonioso.

Eu deveria já estar habituado aos caprichos dessa moça; mas tudo quanto ela fazia era tão inesperado que me levava de surpresa em surpresa. Assim, correndo ao seu encontro, não achei palavras, mas unicamente sorrisos para acolhê-la.

— Está admirado de me ver aqui?, ela disse. — Não gosto de ser contrariada, nem mesmo pelo céu. Acordei hoje com uma alegria de passarinho! Tinha saudade das árvores...! Abri a minha janela; estava chovendo. Ora! Para que inventaram as capas e os guarda-chuvas? Vi-o de lá pensativo... Em que estava pensando?

— É preciso me perguntar? Em que eu penso sempre e em todas as horas?

— Em mim...? Pois aqui estou!

— Que falta de cuidado...!

— Demais!



SCHLOSSER

— Oh!, não me chame de ingrato para a felicidade! Mas se ela deve custar à senhora o menor desgosto... não a quero! Podia alguém vê-la...!

— Eu não me escondo!, respondeu Emília com soberania.

Depois, protegendo-se com uma repentina melancolia, acrescentou com um sorriso:

— Não se preocupe. Eu sou rica; não me comprometo.

— Que significam essas palavras, D. Emília?

— Vamos nós agora discutir aqui, de um e outro lado da cerca?, ela falou rindo francamente. — Já não me lembra o que disse! Mas, com efeito, o senhor é bem pouco amável! Nem sequer ainda me convidou para entrar!

— Eu não pensei nisso!

— Foi bom então que eu pensasse, do contrário ficaríamos aqui, à chuva! Está bem! Faça-me o favor de abaixar a cabeça.

Tirou o seu lenço e me vendou com ele. Depois, apoiando a mão sobre o meu ombro, percebi que ela saltava a cerca. Creio que sua bota tocando os galhos úmidos do espinheiro atrapalhou o impulso, porque senti no meu peito a doce pressão de seu corpo.

Afastou-me logo. Ouvindo o ai que soltaram seus lábios, arranquei o lenço sem pensar e surpreendi seu olhar... Que olhar, meu Deus...! O abismo de uma alma revoltada pela paixão e abrindo-se para tragar a vítima!

Mas foi tão instantâneo que eu não posso afirmar que vi. Ela já se tinha afastado bruscamente esmagando entre os dedos os botões das plantas, que sua mão trêmula encontrava na passagem. O capuz tinha descido, deixando a cabeça exposta à chuva e à brisa cortante. Depois de algumas voltas pelo jardim, voltou calma, **tranquila** e risonha; dirigiu-se à porta, indicando-me com um aceno gracioso que a seguisse. Na sala de jantar onde entramos, estava uma cafeteira; ela encheu uma xícara e bebeu dois ou três goles frios e sem açúcar.

— Ah! Aqui é o gabinete, onde se estuda!, disse parando na luz. — Pode-se entrar?

Eu tinha vergonha da minha modesta habitação, que não era digna daquela honra. Confuso, acompanhava quase como uma máquina a ela, que vagava de um para outro lado, naturalmente,

Diva

sem o menor vexame. Meu gabinete de trabalho era nesse tempo muito pobre; o que havia de melhor estava na cidade. Emília correu a estante com os olhos, lendo o título das poucas obras literárias, com esse tom afetuosos com que saudamos antigos amigos.

— O senhor nunca fez versos?

— Quem é que não os fez aos dezoito anos?

— Eu...! Tenho dezoito anos e nunca fiz um só.

— A senhora os inspira, o que é melhor.

— Obrigada! Já lhe inspirei alguns?

— A senhora... D. Emília...

— A senhora... Por que não me chama Mila? É como me tratam os que me querem bem.

— E Mila chamará Augusto?

— Está entendido! Não é como lhe chamam seus amigos?

— Meus amigos me tratam por tu — eu disse sorrindo.

— Isso não! Quando eu disser tu, é porque não existe mais *eu* em mim. Porém, responda! Já lhe inspirei algum verso?

— Quantos, meu Deus!

— Mostre-me! Quero ver!

— Mas eu não escrevi! Para quê? Eles não diriam tudo que eu sinto.

— Pois agora terá de escrevê-los para mim: sim, Augusto?

— Não, Mila. Eu já não sei, nunca soube fazer versos. Quando se começa a vida, sente-se essa vaidade; é natural. É o tempo das flores, dos sorrisos e dos cantos. Isso passa.

— Mas por que não pode escrever ainda? Se não quer ser poeta, seja escritor. Não tem ambições? Não ama a glória?

— Amo; a glória da minha profissão, a única a que devo e posso hoje desejar. É uma glória obscura e desconhecida, bem sei. Nossos triunfos, não os obtemos na praça ou no teatro, diante da multidão que aplaude; mas lá, no íntimo de uma casa, no aposento silencioso, onde a criatura geme. Só Deus os contempla, só ele os recompensa. O mundo e aqueles mesmos a quem salvamos nos pagam, mas nem nos agradecem às vezes. Foi a natureza, dizem eles. Mas os imprevistos, esses pesam sobre nós. É uma glória amarga, Emília, que ganhei de herança.

— Quem lhe impede de desejar a outras?

— A minha consciência. Quando me dediquei à medicina, não busquei só um meio de vida; devotei-me a um sacerdócio. Sinto que o meu talento é esse; fugir dele é mentir à minha missão neste mundo.

— Tem razão! A verdadeira glória deve de ser essa; fazer o bem. Eu é que sou uma louca! Mas já gostava da medicina; agora vou gostar ainda mais.

E, para confirmar seu dito, Emília começou a examinar os instrumentos e livros com uma travessura infantil, roçando por eles de leve a ponta dos dedos, como se os acariciasse. O acaso colocou-a de frente a um atlas de anatomia; pousando então a ponta da unha rosada sobre o título, voltou-se para mim sorrindo:

— Quero ver o coração! Onde está?

E afastou-se enquanto eu folheava o atlas para lhe mostrar a figura que ela pedira. Olhou muito tempo; afinal murmurou:

— Quando eu morrer, Augusto, você vai examinar o meu... Para ver se é diferente!

— Que ideia!... Deixe disso, Mila!, respondi fechando os livros e instrumentos nos armários. — Sinto não ter em minha casa objetos mais alegres para distraí-la. A minha profissão é triste, já lhe disse, bem triste! Vive das misérias do próximo. Suas alegrias são sempre agarradas às dores... Afinal nos acostumamos. Mas, enquanto não chega essa indiferença, que dúvidas! E, quando chega, que vazio! Por isso, Emília, eu sinto a necessidade de um santo amor, que me proteja contra a descrença e preserve minha alma desse terrível contágio do materialismo.

Emília tinha me ouvido comovida. Ergueu minha cabeça, para que eu recebesse o meigo sorriso, cheio de ternura, que ela queria fazer penetrar na minha alma.

— O que lhe disse eu naquela noite? Espere! Talvez não espere muito tempo! Envolvendo-se na sua capa, fugiu por entre as árvores.

Depois dessas manifestações de sentimentos das duas partes e das nossas entrevistas solitárias, depois principalmente da promessa que ela me fez partindo, parecia natural que eu fosse crescendo no gostar de Emília; porém esta moça era cada vez



Diva

mais incompreensível. Nos dias que seguiram, tratou-me com bastante frieza: e uma tarde com desdém até.

Achei-a lendo uma folha de pequeno papel bordado que me pareceu uma carta: pensei que fosse da prima. Ela nem ergueu os olhos para me cumprimentar; e respondeu com uma simples inclinação da cabeça. Sentei-me; dirigi-lhe por vezes a palavra sem obter mais resposta que um sim ou não; afinal, sabendo que ela estava preocupada, esperei calado pela sua vontade.

Emília leu e releu, talvez já esquecida da minha presença; dobrando o papel, que meteu no bolso, começou a passear pela sala, visivelmente distraída. Por momentos cantava distraída alguma música; depois saía dos seus lábios um sorriso misterioso, desses que se sorriem sem consciência, verdadeiras esfinges da alma.

Não pude mais me conter:

— Adeus, D. Emília. Vejo que minha presença começa a incomodá-la: é tempo de torná-la mais rara e menos inconveniente.

— Ah! Já cansou de esperar?, respondeu com um ligeiro riso de gozação.

— Já perdi a esperança, confesso-lhe. Já; porque enfim compreendo o que se passa em seu espírito.

— Queria que me dissesse isso! Ficaria sabendo.

— Vou lhe dizer; por que não? A senhora é de uma bondade extrema e pensa que eu tenho direito à sua gratidão. Soube que eu a amava, que esse amor era minha felicidade e minha vida. Pareceu à senhora que recusar a mim, em troca, sua afeição era o mesmo que recusá-la a um pai, a um irmão. Quis me amar, porque é boa; fez todo o possível para isso, mas em vão... O amor nasce de si mesmo, de repente, sem que o suspeitem. Se ele viesse quando o chamamos e desaparecesse à vontade, não era o que é, uma fatalidade. Iludiu-se, D. Emília. O homem a quem vai amar, a senhora não o conhece, nem o viu talvez. Quando aparecer, não lhe dará tempo de se perguntar. Seu coração vai se agitar por si mesmo, e a senhora sentirá que ama, sem saber como, nem quando, começou a amar!

— Talvez isso seja verdade para outras; para mim, afirmo-lhe que não. O amor, como eu sonho e espero, terá de ser a minha

vida inteira; portanto, parece-me que tenho o direito e até o dever de conhecê-lo antes de entregar-me a ele sem reserva e para todo o sempre.

— É outra ilusão sua! O amor tem a crença ingênua da eternidade; quem o sente acredita sinceramente que ele não se acabará nunca. Eu não tive a felicidade de lhe inspirar essa fé sublime; portanto, que esperança posso ter? O melhor talvez fosse me retirar, porque tentando violentar seu coração, Emília, talvez acabe me odiando!

— Odiando-o?, exclamou Emília assustada. — Como lhe veio esse pensamento?

— Não me disse já uma vez?

— Cale-se!, ela disse com inexplicável pavor.

Emília ficou algum tempo muda e pálida, mergulhada na estranha emoção.

— Augusto...!, ela me disse, afinal, e com carinhosa melancolia. — Não tem razão. Quem me fez acreditar no amor? Quem me deu a fé e a esperança nele? Lembre-se! Antes de conhecê-lo, eu duvidava.

Essa palavra e um sorriso bastaram para acalmar minha alma.

## XIV

Havia grande reunião em Matacavalos.

Tinha visto Emília de relance. Ela sofria já a embriaguez das luzes, da música e dos perfumes, que a dominava sempre em pleno salão. Nesses momentos havia em toda a sua pessoa, na atitude e nos movimentos, desejos impulsivos. Parecia provocar as emoções. Seus lábios desejavam muito o ambiente do baile.

Mas sua decência, que se ofendia facilmente, não a abandonava nunca. Ela atravessava a multidão agitada, como a borboleta que trama um **voô** por entre as ramagens das rosas, sem ferir nos espinhos a ponta das asas sutis. O que a protegia na confusão não era tanto o rápido olhar, como um sétimo sentido, que só ela pos-

Diva

suía: uma espécie de previsão dos objetos que se aproximavam.

Contudo, eu sofria muito vendo Emília assim esquecida de mim e mergulhada nos prazeres que outros compartilhavam. Essas horas do baile eram meu lento sofrimento. Algumas vezes, bem como nessa noite, eu evocava em vão as recordações dos dias passados, em vão me acusava de egoísta; o ciúme afinal me vencia.

Foi já quando o coração me desmaiava que ela pela primeira vez veio onde eu estava. Notei sua grande palidez. O seio respirava rapidamente. A fadiga ou a emoção havia umedecido a sua testa. Seus olhos tinham um brilho de vidro que incomodava.

— O baile já a cansou? Muito depressa...!, disse-lhe com o riso amargo.

— Quase não dancei...! Mas não sei o que sinto...! Não me acha muito pálida?

— Deve ser o calor! Esta sala é muito abafada!

— O calor...? Se eu tenho frio... frio na alma... É a febre que vem...!, murmurou com um riso singular.

Nessa ocasião, o Dr. Chaves se aproximou para lhe oferecer o braço.

Você deve se lembrar dele, Paulo. É um brilhante talento de orador, que se revelou de repente na Câmara por alguns triunfos bem notáveis. Moço ainda, elegante, com uma fisionomia expressiva e o reflexo de suas glórias políticas, ele triunfava no salão, como na tribuna. Antes de aceitar seu braço, Emília me disse, a meia voz, com um tom suplicante:

— Não fique tão longe de mim...! Eu lhe peço!

Segui-a por algum tempo; mas quando a vi pendurada à palavra sedutora de seu par, embalando-se docemente à música das frases talvez apaixonadas que ele lhe dirigia, tive a coragem de me arrancar desse martírio. Refugiei-me no jardim.

Havia ali, encostados à varanda e nos intervalos das sacadas, uns bancos de pedra cobertos por armações de madeira envolvidas por uma trepadeira qualquer. Nos dias de baile, D. Matilde fazia iluminar esses lugares verdes, que dava à casa um aspecto campestre.

Fumava sentado num desses bancos. De repente ouço a voz de Emília. Ela tinha se encostado à janela próxima e continuava

com seu par uma conversa animada. A folhagem numerosa me escondia aos olhos de ambos; porém, eu os via perfeitamente no quadro iluminado da janela.

— Tudo isto, doutor, não é mais do que um desses bonitos discursos, de que o senhor tem o talento admirável...

— Então não acredita em mim?, disse o Dr. Chaves.

— Não posso...! Em uma vida como a sua, tão cheia de glórias e ambições, o que resta para o amor? As horas perdidas do baile...! Confesse!

— Mas a senhora não sabe, então, D. Emília, que estes curtos instantes em que a vejo são os únicos que vivo? O resto, o tempo que sobra da minha tão rápida felicidade, trabalho com entusiasmo, é verdade! Mas por quê? Porque trabalhar, para mim, é amar ainda e me elevar do pó, a fim de poder erguer os olhos para o céu sem ofendê-lo! Eu não era ambicioso, não! Foi o amor que me deu esta sede de poder. Os meus mais belos triunfos, acredite em mim, senhora, não os sinto quando os alcanço, mas quando venho colocá-los submisso a seus pés. A minha glória é unicamente essa, fazer com que o mundo respeite e aceite a humildade de meu amor...!

Emília escutava encantada. Às vezes, o orgulho fazia vibrar sua nobre cabeça com um gesto divino. Oh! Que beleza tirânica é a dessa mulher, que até mesmo quando eu a desprezo me força a admirá-la! Quando a voz que a raptava se calou, ela ficou confusa um instante. Depois, fitou os olhos no Chaves.

— E se eu exigisse, o senhor teria a coragem de sacrificar tudo a um capricho meu?

— Ordene!

— Não tenho esse direito — respondeu sorrindo. — Se o tivesse... não seria assim egoísta. Queria, ao contrário, repartir com o mundo inteiro os seus triunfos!

— Mas esse direito... lhe pertence! Tome-o. Eu lhe suplico!

— Não me sinto com forças.

— Sempre essa cruel palavra!

Como eu sofria, Paulo... Mas não! Sofri depois, ainda agora sofro! Naquele instante, nada, nada absolutamente! O que a revelação cruel produziu então em mim não foi nem dor nem raiva, mas um espanto na alma! Eu fiquei ali, na idiotice das minhas emoções.



SALZESSER

O diálogo do Dr. Chaves foi interrompido pela aproximação do Álvares, que vinha buscar Emília para a prometida quadrilha. O deputado teve de ceder o lugar.

Depois de um curto silêncio, durante o qual o jovem poeta esteve sob a influência do olhar soberano de Emília, ele se animou a lhe falar em voz submissa:

— D. Emília... A senhora leu os meus versos?

— Li — ela disse. — São muito bonitos, mas não são verdadeiros.

— Tem razão! Não dizem nem a sombra do que sinto! Mas sou eu o culpado? O verbo divino do meu amor, não há na linguagem dos homens que o exprima!

— Com certeza que não! Não é possível exprimir o que não se compreende.

— Oh! D. Emília!

— Oh! Os poetas! Eu os conheço! O que eles amam neste mundo é unicamente sua própria imaginação, o ideal sonhado: todos têm sua **Galateia**<sup>12</sup>, e nós não somos para eles mais do que estátuas, que os seus versos devem dar vida, como faíscas do fogo sagrado!

— Se a senhora tivesse lido a poesia que eu escrevi ontem, não pensaria assim, D. Emília!

— Dê-me! Quero vê-la!

— Não a trouxe!

— Procure bem!, disse Emília sorrindo.

O Álvares tirou do bolso um pequeno papel dobrado; mas, com o jeito dos escritores, recusou entregá-lo, quando Emília estendia a mão para recebê-lo. O movimento vivo que ele fez soltou o papel dentre seus dedos, que veio cair no jardim.

Ela riu e se afastou exclamando:

— Bem feito!

O Álvares correu à porta da varanda, mas chegou tarde. Não sei que instinto da minha então embrutecida natureza me fez avançar ligeiro sobre o papel, como fera sobre a presa. Fui me esconder no fim do jardim e ali passei uma hora apalpando aquele papel, com o sentimento do suicida tateando o punhal

<sup>12</sup> Estátua esculpida pelo escultor Pigmalião, o qual se apaixonou por ela e pediu à deusa Afrodite para lhe dar vida.

Diva

que o deve sacrificar. Nem mais me lembrava do que se passara com o Chaves. A primeira dor já tinha envelhecido.

Quando achei que eu estava calmo e senhor de mim, voltei à sala.

Do primeiro olhar, vi Emília sentada na outra extremidade, sempre bela e brilhante; mais por certo que nunca, pois nesse instante eu a admirava com olhos de maldição. Encostado na porta, estava um homem, que a devorava com a vista, esperando impaciente a oportunidade para lhe falar. Era o tenente Veiga, de quem já falei.

— Outro, meu Deus!, soluçou minha alma agonizante.

Avalie meu sofrimento, Paulo, pelas más ações a que o desespere me arrastava. Acabava de roubar um papel que não me pertencia; não era bastante; fiz-me espião. Dei volta pela varanda de modo a me aproximar da porta sem que os dois me notassem. Não cheguei a tempo de ouvir, mas vi... Emília tinha retirado uma violeta de seu ramo e a deixado cair aos pés intencionalmente: o oficial curvou-se, apanhou rápido a flor, que beijou e prendeu, com orgulho, ao peito da farda enfeitada de condecorações.

Tudo isso fora feito com tão delicado disfarce que ninguém mais na sala o viu, nem suspeitou. Vaguei pelo salão conversando com um e outro, cumprimentando algumas senhoras de meu conhecimento, procurando assim gastar, no contato com pessoas indiferentes, as emoções dolorosas que me feriam.

Depois, sentei-me à mesa do jogo.

Chegou finalmente a quadrilha que eu devia dançar com Emília, a sexta, se não me engano. Uma das finezas que ela me fazia nesse tempo era não dançar mais em um baile, depois de ter dançado comigo; por isso me reservava sempre a última de suas quadrilhas.

— Como o senhor está pálido, meu Deus!, ela exclamou tomando meu braço.

— Não; deve ser o efeito das luzes sobre este papel vermelho — respondi sorrindo. — E o seu acesso? Já passou?

— Que acesso?, perguntou surpresa.

— Não disse há pouco... que tinha febre na alma?

— Ah... Sim! Já passou!, respondeu sorrindo. — O senhor é

tão bom médico de minha alma que bastou sua lembrança para me curar.

— Então se lembrou de mim?

— Fazer o quê? Procurei-o tantas vezes com os olhos, e não o vi...! Onde o senhor esteve todo este tempo?

— Pois reparou de verdade em minha ausência, D. Emília? Juraria o contrário!

— Juraria falso! Se não fosse verdade, por que lhe diria?

— Quem sabe?

— Quem melhor do que o senhor!

A voz de Emília nessa conversa era doce e meiga. Seu olhar macio me acariciava com delícias. Em toda a sua pessoa, derramava-se um celeste ar de ternura, que saía de sua alma e gotejava a flor nativa de sua ingênua nobreza. Nunca eu a tinha visto assim delicada, nem mesmo nas horas em que estávamos sós.

— E não quer me dizer onde esteve?, perguntou de novo com queixa suave.

— Estive jogando.

— O senhor...? O senhor que aborrece o jogo? Que lembrança foi esta?

— Aborreço o jogo, é verdade! É, de todos os vícios, o que mais agita os instintos maus. Porém às vezes é necessário. Os venenos também são remédios... perigosos, sim... Quando não curam, matam.

— Queria me esquecer!, disse Emília, com carinhosa censura. — Ingrato...! Quando minha alma o chamava...!

Esta palavra deixou meu coração nervoso:

— Para quê, D. Emília? Para que a senhora ia me chamar? Não tenho nem posição brilhante, nem glória, nem talento, para depor a seus pés. O meu amor...? Esse foi um mesquinho triunfo para quem alcança os mais brilhantes. Um amor banal... Mas perdão! Não devo mais ofender a santidade do meu sentimento com esse nome. Chamarei amizade, como a senhora. Não me disse uma noite, por outras palavras, que o meu afeto era uma flor muito simples para se fazer dela ramalhetes de baile...? Tinha razão...! No campo, por distração, em algum dia monótono, pode excitar a curiosidade. Não acha...? Assim foi melhor que eu ficasse



Diva

longe; devia até não voltar. Tenho medo de envergonhá-la com uma paixão ridícula!

Emília tinha fixado em mim seu olhar inteligente e soberano, que atravessou minha alma todo o tempo que eu levei para dizer estas palavras. Havia, nesse olhar, de uma firmeza inconveniente, arrogância e curiosidade ao mesmo tempo. Ela parecia querer reprimir no meu coração minha palavra sarcástica e ao mesmo tempo arrancar dali o segredo da súbita mudança ocorrida em mim. Depois de uma pausa, começou com a palavra triste e lenta:

— Não me fale assim! Eu tenho, o senhor bem sabe, um espinho em minha alma; é o orgulho. Quando tocam nele, o amargo se derrama, e eu me sinto má...! Não quero responder-lhe. Posso dizer-lhe alguma palavra dura e magoá-lo... Depois sofreremos ambos. Não é melhor a franqueza do que estarmos aqui como duas crianças nos ferindo com pontas de alfinetes, que podem entrar no coração? O senhor tem alguma coisa que o preocupa e que eu não sei o que é. Fale!

Emília deu à sua voz um carinhoso tom para pronunciar estas últimas palavras:

— Se eu o ofendi, Augusto, acuse-me! Não será a primeira vez que lhe pedirei perdão!

Eu sentia, aos sons delicados dessa voz celeste, meu coração duro tornar-se mole como uma cera; mas de repente o toque do papel que eu tinha no bolso o congelou.

— Não posso falar aqui — respondi trêmulo. — Não estamos sós.

— Pois amanhã — me disse Emília. — Às sete horas, junto aos bambus.

Calculei a demora; naquele momento, tão próximo ainda da amarga decepção, sentia que não poderia ter a dignidade da minha dor.

## XV

Ao nascer do sol, eu já esperava Emília.

Que longa noite!

Sofria horripelmente, mas como um doente desacordado. O assombro do espírito, que me fulminou ouvindo a cruel revelação, continuava. Não podia compreender Emília, o anjo da celeste decência, a rainha das minhas adorações, transformada de súbito numa desprezível namoradeira de sala.

Havia momentos em que eu achava dentro em mim a imagem de duas Emílias, uma para o meu desprezo, outra para o meu amor. E minha alma ora se irritava em seu orgulho para cuspir a baba da indignação às faces daquela, ora ajoelhava humilde e magoado para chorar sua infelicidade aos pés desta. Passara uma parte da noite relendo os versos do Álvares; ainda os tenho de cor, apesar dos esforços que faço para esquecê-los. Eles por aí correm num volume de poesias, recentemente publicado por esse moço. Tem o nome *A ela*.

Quando o sol espantou as trevas, não sei que calma se deram em meu peito. Era talvez a plena satisfação do sofrimento.

Emília veio meiga e **tranquila**, como a tinha deixado na véspera. O baile, longe de cansar, descansava sempre essa incompreensível criatura. Havia, no sorriso dos lábios, no cetim das faces e na irradiação do olhar, a delicadeza de virgindade que têm as flores recentemente desabrochadas. Quem visse essas claras auroras de sua beleza, pensaria que ela acabava de nascer moça, ao sair do sol, como as rosas e as borboletas. Tal era o frescor e a juventude da sua formosura.

Quando a percebi de longe, senti que meu coração se acabava; a raiva que o enchera até aquele momento fugiu dele. Temia que o primeiro olhar de Emília anulasse a minha raiva e que sua primeira palavra me curvasse a seus pés, humilhado por um amor já sem honra.

— D. Emília — eu lhe disse —, tenho medo de ofendê-la... Talvez fosse melhor me calar.



SCHLESSEK

— O que mais pode me ofender de sua parte é o silêncio, quando o senhor tem um ressentimento de mim. Fale, não tenha medo. Pode ver que eu estou **tranquila**.

— Pois então me ouça e desculpe. Sem dúvida, a senhora achará pouco nobre meu procedimento, surpreendendo um segredo de outros; mas se lembre de que eu a amava... E a amava tanto, que tive a coragem de desonrar o meu amor. Sinto este orgulho!

Pela primeira vez, Emília pareceu surpresa:

— Não compreendo! O que o senhor fez?

Mostrei-lhe os versos e lhe contei tudo quanto soube na véspera, durante o baile; tímido e gaguejando no começo, ia me reanimando à medida que a evocação daquelas cruéis recordações magoava minha alma atormentada; o desespero se manifestou afinal.

Emília tinha me ouvido sem perturbação.

— Bem vê que eu sei tudo, D. Emília!

Ela não me respondeu.

— Eu teria ouvido mal? Não teria compreendido as suas palavras?

— Ora! O senhor é tão esperto!

— Então não me enganei? Esses homens a amam, e a senhora dá atenção a eles?

— O senhor é quem está dizendo!

— Meu Deus! Mas a senhora não sabe que nome tem isso...?

Emília se levantou de um impulso. Seus olhos tinham raios, e sua fronte, um brilho de mármore.

— O nome...?, ela exclamou. — O nome que isso tem? Eu lhe digo! É a indiferença... Não! É o desprezo, que me faz sentir todas estas paixões ridículas que tenho encontrado em meu caminho! Ah! Pensa que amo algum deles? Tanto como ao senhor...! O amor, eu bem o procuro, mas não o acho. Ninguém ainda soube me inspirar. Meu coração está virgem! Tenho eu a culpa? Oh! Que ser injusto e egoísta é o homem! Quando nos ama, dá-nos apenas os restos de suas paixões e as ruínas de sua alma; e, no entanto, julga-se com direito de exigir de nós um coração não só puro, mas também ignorante! Devemos amá-los sem saber ainda o que é o amor; eles têm o dever de nos ensinar... educar a mulher.. como

Diva

dizem em seu orgulho! E ai da escrava miserável que mais tarde conheceu que não amava...! Seu senhor é inflexível e não perdoa...! Basta um aceno, e a multidão apedreja!

Eu assistia, deslumbrado, às erupções que o orgulho ofendido produzia naquela alma inteligente. Emília parou um instante para respirar; e a palavra sarcástica saiu outra vez de seu lábio gracioso:

— Os homens... Felizmente aprendi cedo a conhecê-los; e os desprezo a todos; os desprezo, sim, com a raiva do amor imenso que eu sinto em mim, e que nem um deles merece! O senhor acha que é a minha vaidade que me arrasta pelas salas, como tantas mulheres, pelo prazer de se verem admiradas e ouvirem elogios à sua beleza? Oh! não, meu Deus...! Você sabe quanta humilhação tenho tragado, eu que tenho orgulho de merecer um nobre amor, vendo-me objeto de paixões mentidas e interesseiras...!

— Está falando de mim, D. Emília...?

— Do senhor...? Se eu tivesse tal pensamento a seu respeito, acha que esperaria tanto tempo para lhe dizer? Os outros têm o direito de mentir para mim porque são indiferentes... O senhor, a quem eu dei minha amizade e confiança, não...! Seria uma coisa indecente...! Os outros podem fazer a minha vida amarga e triste sem que eu me queixe. Mas o senhor...

— D. Emília...!, gaguejei comovido.

— Não me queixo, não; nem preciso que me consolem!, exclamou irritada. — Para quê? O que eu sofro agora, Deus levará em conta para o meu amor, quando eu amar um dia, na terra ou no céu.

Emília afastou-se; e eu a segui sem perceber. Esperei em vão que voltasse o rosto; por fim a chamei; ela parou.

— Ao menos, D. Emília, não permita mais que esses homens lhe falem de sua paixão. Promete?

— Não, senhor!

— Bem!

— Se quer me amar como eu sou, com os meus caprichos...

— Não posso!

— Tem razão! É melhor assim!, respondeu sorrindo.

— Então, adeus, D. Emília!

Ela derramou sobre mim num só olhar todo o seu desdém, dizendo com voz pausada:

— E me amava...! Pois, se o amasse e o senhor me desprezasse, eu o acompanharia até os pés da minha rival para suplicar as migalhas de seu amor! Eu sim! Mas felizmente para nós, não o amo e creio agora que não o amarei nunca!

Aumentando o passo majestoso, deixou-me sepultado naquela desilusão cruel. Não deixei completamente de ir à casa de Duarte; porém, as minhas visitas pouco a pouco foram sendo mais raras. Outra vez, era na casa de D. Matilde que eu me encontrava agora mais **frequentemente** com Emília.

Ela, de propósito ou porque não tivesse mais nada a esconder de mim, atirou-se com ansiedade às conquistas de sala. Todas as noites, era cercada por uma grande roda dos seus apaixonados, aos quais ela de repente dispensava com um gesto ou uma palavra, para atrair novos, que eram logo substituídos.

Eu sofria, assistindo a essa profanação de meu amor idealizado, um sofrimento cruel. Era meu amor que pouco a pouco se despegava do coração, arrancando suas fibras e retirando sua pele. Quando esse amor fugir totalmente, o que restará do coração? Uma ferida apenas...!

Julinha tinha me entendido e me consolava. A boa menina, vendo-me infeliz, começou ingenuamente a me amar, mas sem consciência e sem egoísmo, unicamente por uma força invencível de sua extrema sensibilidade. Cheguei a me iludir; pensei que também amava essa menina, mas o que eu amei em Júlia foi só o que vinha de Emília, o que ela conversava comigo a respeito de sua prima.

— Não se aflija! Mila gosta do senhor, eu sei!, Julinha me dizia.

— Ela lhe confessou alguma vez?

— Não; ela nunca me fez confidências; mas eu a conheço muito!

— Gosta de mim como daqueles que a cercam neste momento. Olhe...!

— Não acredite! Zomba de todos eles.

Emília viu a minha presença constante junto à prima. Mas ela percebeu o que se passava em mim, apesar dos meus esforços para simular indiferença?

Diva

Não sei.

Uma noite se aproximou para me dizer com um sorriso meigo:

— Os seus novos amores não aceitam nem mesmo as antigas amizades?

Confesso a minha vergonha, Paulo. Nunca o império dessa mulher sobre mim foi tão tirânico como nesse tempo em que eu me feria para tirar minha alma da sua sinistra influência. Emília tinha seduções tão poderosas que era impossível resistir. Eu chegava; vinha com uma resolução firme de lhe mostrar minha completa indiferença e fazê-la acreditar que realmente amava Julinha.

Pois, quando estava mais entregue a esse jogo do coração, eu me perturbava a ponto de achar que sentia amor pela filha de D. Matilde; pois justamente nessa ocasião, Emília, não sei como, arrancava-me de perto da prima e arrastava-me a seus pés.

Bastava-lhe, para isso, um nada, um sorriso, um doce movimento do seu colo, um gesto gracioso da mão afilada brincando com um anel dos cabelos ou com uma fita do vestido. Oh! Essa mão gentil, quando ela tirava a luva, tinha uma alma; movia-se em torno de sua beleza, como um anjo que tinha descido do céu para acariciá-la. Aos toques suaves dos dedos mágicos parecia que sua lindeza se desenhava mais brilhante.

E eu ficava sem palavra e sem movimento, todo olhar, contemplando-a de longe. Afinal, quando ela me via assim, desligado de mim e prisioneiro de sua graça, chamava-me com uma imperceptível vibração de rosto.

Mas, como sempre, vendo-me chegar obediente, se calava de tal forma que me deixava sem ação; ficava então fria e distante, como uma estátua de gelo. Já não me via, nem me ouvia: eu voltava bebendo em silêncio a minha vergonha.

Outras vezes, não: recebia-me risonha e amável.

— Julinha está zangada! Vá dançar com ela!, dizia-me então.

Enfim, Paulo, essa mulher zombava de mim, de modo a fazer pena. Tratava-me como o cão da Terra Nova que havia em sua chácara e com o qual eu a tinha visto tantas vezes brincar. Enxotava-me com a ponta do pé, para ter o prazer de me fazer

voltar, lambendo o chão por onde ela passava. E eu vivia espremendo em minha alma o amargo dessas humilhações, para ver se irritava aí a dignidade abatida.

## XVI

Tinha caído numa tal fraqueza de ânimo que Emília ficou com pena de mim.

Uma noite veio se sentar a meu lado, e seu olhar **envolveu-me** daquela ternura cheia de compaixão e protetora, que dava à sua virgem beleza um perfume de maternidade.

— Como eu o tenho feito sofrer, não é verdade?, ela me disse arrependida. — Eu também sofro! Que natureza é a minha? Parece que tenho prazer em me contrariar e afligir a mim mesma. Mas não me queira mal, Augusto. Eu lhe prometo ser outra daqui em diante; o que perturbou nossa amizade não acontecerá nunca mais.

— Mesmo...?! Promete afastar os seus adoradores!

— Eu os afastarei tanto de mim que nem a sombra deles vai se intrometer entre nós.

— Obrigado, D. Emília! Obrigado pela senhora, unicamente; não por mim.

— Então isso é indiferente para você.

— Vem tarde! O mal está feito.

Emília teve um dos seus gestos de rainha.

— Ah!, se eu tivesse desonrado a minha alma nessas cópias malfeitas de amor com que as moças se divertem antes de casar; se eu estivesse em meu quarto ou quinto namoro, quando o senhor me conheceu, talvez achasse que sou digna de seu sentimento. Mas eu, que procuro preservar minha alma, mostrando-lhe ao vivo o egoísmo, a ambição e a baixaria que escondem as paixões improvisadas numa noite de baile e calculadas friamente no dia seguinte; eu, que me guardo para aquele a quem amar, virgem de



Diva

amor e intocada... Sim!, intocada até dos olhares que tocam de leve sem me penetrar...! Eu não sou digna de seu amor, Augusto! Para mim, é tarde!

— Perdão, Mila...! Eu não tenho bom senso! Mas meu amor é tão pura adoração, eu a coloquei tão alto na minha veneração que as palavras apaixonadas desses homens pareciam **denegri-la** para mim como o fumo de um incenso barato... Loucura...! Eu devia saber que elas não chegavam ao seu coração, como não chegam a Deus as palavras más do pecador...!

Emília me respondeu com um sorriso delicioso, pousando a mão sobre a minha:

— Não me eleve tanto, para que outra vez não me deixe cair de tão alto...! Esses homens eram apenas livros para mim; às vezes tinha lido na véspera sua cópia impressa. Tem ciúmes, Augusto, dos romances que eu leio? Sofreu me vendo no teatro assistir à representação de uma comédia?

— Já lhe implorei meu perdão. Eu estava louco!

Ela foi, nessa noite e nos dias seguintes, de uma bondade enorme para mim. Voltamos aos nossos antigos passeios e às conversas íntimas. Eu estava outra vez carinhoso e amante a seus pés, mas orgulhoso e contente de minha conquista.

Emília tinha cumprido sua palavra de um modo que eu não esperaria. Apareceu ainda algumas noites na casa de D. Matilde, como para me mostrar o modo pelo qual despedia os seus adoradores; realmente soube afastá-los a tal distância que nem um deles se animou a voltar. As horas que ali passou, esteve completamente isolada, ou perto de mim e ao meu braço. Por fim, deixou de sair e fez parar as reuniões em sua própria casa, até nos domingos. Desde então, parecia que ela se poupava do mundo e se guardava toda para se entregar sem reserva às manifestações de meu amor.

Assim voaram dois meses de felicidade.

Durante todo esse tempo, Emília foi de uma submissão e doçura que me deixava sempre sem reação, e muitas vezes me angustiava. Tinha para comigo uma atitude de vítima conformada e arrependida; parecia que minha vontade a tiranizava, quando eu era quem suportava de forma miserável a tirania de seus caprichos. Mas ela sentia algum prazer íntimo em se humilhar aos

meus olhos; e tinha o talento de, prendendo meu coração e meu pensamento, insinuar que obedecia ao mínimo aceno meu.

Aconteceram muitos acidentes, como este que vou contar.

Ela encomendava à sua costureira algum elegante vestido ou comprava qualquer novidade parisiense recentemente chegada. A primeira vez que nos víamos logo me fazia alguma pergunta neste gênero:

— Qual é a cor que mais gosta?

Ou então:

— Acha bonita a nova moda de vestidos?

Respondia-lhe sem convicção, sem dar grande importância à questão. Acontecia às vezes que o vestido era da cor ou da moda não preferida por mim; ela o sacrificava sem piedade; novo em folha, como estava, fazia dele presente a alguma moça ou o sepultava nos recantos de uma cômoda.

Entretanto o vestido era lindo; e, se fosse feio, eu o acharia divino nela.

Se eu me incomodava com estes novos caprichos de humildade, tão diferentes dos anteriores e como eles tão imperativos, ela insistia impaciente e não aceitava da minha parte a mínima observação. Muitas vezes por essa causa nos separamos tristes e magoados.

Em nossos sonhos, quando era a minha vez de falar, transbordando as manifestações de meu coração cheio, ajoelhava todo meu ser ante o ídolo de sua graça. Ela, antes meiga e dócil à minha palavra, já não a escutava e se desligava das ferventes adorações para se refugiar em alguma penosa e amarga cisma. O que tinha encantado outra mulher parecia cansá-la; derramava-se por seu rosto uma nuvem de tédio e desgosto.

Quase sempre fugia logo e, deixando-me só alguns instantes, parava a conversa.

## XVII

Foi ontem.

Tinha deixado Emília descontente na véspera por causa de um dos nossos conflitos de submissão recíproca. Achei-a, porém, já esquecida desse pequeno aborrecimento e satisfeita. Contudo, tinha certa seriedade no olhar e na face, que anunciava o peso de muitos pensamentos ali concentrados.

Falou com sua graça de sempre; falou do passado, recordando de leve as fases por que passara nosso amor. Era sua história íntima, o romance de sua alma, que ela esboçava a traços finos e delicados. Depois de comparar sua existência anterior tão agitada com o atual isolamento e **tranquilidade**, fixou-me nos olhos, enquanto me dirigia com a voz lenta estas palavras:

— Está satisfeito? Não foi obedecido cegamente?

— Oh! Mila! Obedecido, não! Não me atrevia a pedir tanto...

É uma graça que me deu... e eu a recebi de joelhos...!

— Ah!, ela fez com uma expressão indefinível de tédio.

Geraldo entrava nesse momento. Depois de apertar a minha mão:

— Você me diz uma coisa, Amaral? Por que proibiu a Mila de sair de casa?

— Ora, Geraldo!, eu respondi incomodado. Nunca terás juízo.

— Foi ela quem me disse...!

— D. Emília...?

— E você acreditou!, disse Mila ao irmão com um riso irônico.

Isso se passava ontem.

Hoje à tarde, chegando à sua casa, achei o carro à porta e ela na sala pronta para sair; só esperava por D. Leocádia.

— Vai sair?, perguntei-lhe triste.

— Não vê?, respondeu correndo os olhos pela sua roupa.

— Volta cedo?

— Não! Vamos ao teatro.

— Ah... Tinha me... prometido... Não, estava acostumado a vê-la longe do mundo, bonita e risonha só para mim...!

— É verdade; mas os hábitos sempre continuados ao final trazem o tédio.

Senti um pânico. Ouvindo as palavras de desprezo de Emília e vendo-a botar as luvas, não sei que alucinação foi a minha; pareceu-me que essa moça ia outra vez ser tirada de mim pelo abismo do mundo; que eu ia perdê-la, e agora para sempre.

— Mila, não sei que tristeza profunda me causa esta sua ida ao teatro... É uma esquisitice minha!... Tem coisa mais simples do que ir ao teatro? Mas... Não compreendo este temor... Eu lhe imploro...! Antes de ir, dê-me coragem! Diga-me essa palavra que eu espero há tanto tempo!

Ela afastou a mão, que eu procurava, vestindo-se da dignidade fria que a envolvia às vezes como veste de gelo.

— Tem muita pressa de ouvir essa palavra...! Com certeza, vai querer também um juramento solene... que firme seus direitos... Poderá então me impor sua vontade, e que remédio eu terei se não aceitar!... Mas ainda é cedo. Espere, meu senhor!

Uma revolução repentina e profunda se operou em mim; dominado por ela, eu apenas pude pronunciar uma frase; mas que grande quantidade de sentimentos, que riqueza de paixão, a alma não faz correr numa só palavra, mesmo vulgar!

— Basta, senhora!

Não sei se minha voz ecoou na alma de Emília, como na minha; era o grito de uma paixão na agonia.

Emília caminhou para mim, mergulhada em dolorosa emoção: senti sua mão pousar no meu ombro, os seus olhos nos meus, o seu hálito nas minhas faces, a sua palavra caindo uma a uma no meu cérebro. Mas eu estava tão profundamente mergulhado em mim mesmo que não compreendia naquele instante nem o que olhava, nem o que ouvia.

— Augusto! Seu amor é um nobre e santo amor, como eu sempre pedi a Deus. Responder-lhe com um desses sentimentos banais seria uma profanação...! Espero e lhe peço que espere, para não causar, por um engano, a sua e minha desgraça; para não ser obrigada a dizer-lhe um dia: “Eu me enganei! Esta vida que lhe dei não a podia dar, não me pertencia, mas àquele de quem a roubei e agora a pede de volta! Traí a um, menti ao outro; falhei meu destino; só me resta morrer!”. Por isso, eu lhe digo que espere.

Diva

Calou-se um instante.

— Talvez me engane...! Há horas em que duvido ainda como em outros tempos. Quero esperar um ano ainda... Acha muito? Para decidir duas existências...? Se daqui a um ano eu achar que não amo, a esta mesma hora, no lugar onde o senhor estiver, eu irei dizer-lhe: “Deus me negou a felicidade de amar; mas o senhor me ama; se a minha vida é necessária à sua felicidade, tome-a; eu lhe dou com prazer; eu lhe pertenço, sem amor, mas cheia de dedicação!”. Ouviu, Augusto...? Quer um juramento?

— É inútil! Eu não a amo mais!

Fui sincero nesse momento. Aquele sarcasmo com que Emília tinha respondido ao pedido, o egoísmo frio que ela tinha revelado tinham atravessado minha alma e feito o amor escoar até a última gota. Eu acabava de ver, sem disfarces, o aleijão repulsivo daquele coração de moça.

— acredite — repeti com desprezo. — Acabou, e já nem me lembro que amei! Está agora muito longe de mim esse passado...!

Ela mostrou uma ligeira perturbação; mas imediatamente seu orgulho a acalmou. Então, Paulo, passou-se o que só pode compreender quem viu essa mulher sublime. Fez-se nela algo como uma celebração de graça e luz. Aquela radiante beleza se expandiu jorrando de si nova e mais esplêndida beleza. Imagina o auge da beleza.

Emília assim transformada teve um sublime gesto de dúvida.

— É impossível...!

D. Leocádia entrava. Despedi-me e parti.

São duas horas da manhã. Tive a coragem de não aparecer no teatro. Lembrando-me que Emília estava lá e desenhando em meu espírito a imagem de sua iluminada beleza, achei-me calmo; examinei meu coração e encontrei-o forte.

Realmente já não amo essa mulher, ou, se a amo ainda, esse sentimento está enterrado debaixo de outras paixões que acabarão por aniquilá-la completamente.

O que eu sinto agora é só um desejo frio de me vingar e pagar a Emília desprezo com desprezo. Essa é a história do meu primeiro e talvez único amor, Paulo; precisava derramar no teu peito as lágrimas que ainda neste momento afogam meu coração.

## XVIII

Pensei ter concluído esta carta, mas não, Paulo! Voltei a vê-la!  
Já se passou um mês.

Durante esse tempo, evitei me encontrar com Emília. Minha alma precisava desse momento de repouso entre o amor extinto e o ódio nascente.

Foi há três dias que a vi pela primeira vez depois do nosso rompimento.

Eu jantava na casa de D. Matilde. Estava encostado ao piano ouvindo Julinha tocar; a mãe a chamou. Nessa ocasião, Emília aproximou-se de mim e me disse com o seu habitual sarcasmo:

— Já não me ama... Por que foge de mim? Tem medo?

Estávamos sós na sala.

Travei-lhe do braço e o apertei com impulso brutal.

— A senhora acredita que a consciência de uma grande mentira pode matar um homem honrado...? Pois, se fosse possível que eu viesse a amá-la ainda, sinto que teria tão grande nojo de mim e tanta vergonha que morreria na hora!

Soltei seu braço. Ela se deixou cair sobre uma cadeira e, segurando com a outra mão o pulso magoado, ficou olhando a mancha roxa que a pressão de meus dedos tinha deixado. **Agitava-se** em seus lábios um sorriso de mártir.

Eu tinha me afastado revoltado com minha própria brutalidade. Não posso explicar o que foi isso. O sarcasmo de Emília me irritou de uma maneira que ainda agora não compreendo. Seria porque eu ainda a amo, apesar de não querer, e sua palavra me denunciara minha própria falta de dignidade?

No jantar, incomodava-me muito aquela mancha roxa. Emília estava sentada quase defronte de mim, e a cada momento seu braço virava em torno dela, talvez de propósito e para mostrar a contusão.

— Mila!, D. Matilde lhe disse de longe. — O que você tem no braço esquerdo?

— É verdade!, disse Julinha. — Está roxo. Que foi isso?

Diva

— É o sinal da minha cadeia!, respondeu Emília sorrindo.

— Que cadeia, Mila?, perguntou D. Leocádia.

— Eu não tenho uma pulseira com a forma de algemas...?

— Você tem, sim.

— Hoje, brincando, ela me apertou tanto que pensei que ia quebrar meu pulso...!

— Não deve mais usá-la.

— Por quê? Ela é inocente; a culpa foi minha. Não foi?, disse espreguiçando sobre mim o olhar doce.

Virei o rosto sem responder. Eu começava a sentir uma espécie de pavor dessa menina. Havia nela a inspiração heroica e a tentação satânica que o gênio do bem ou do mal derrama sobre a humanidade pela mulher. Em outra cena, eu a acharia capaz de vibrar o punhal de Judite ou de Macbeth<sup>13</sup>.

Desde esse dia, quando ela se aproxima de mim, ou mesmo de longe me envolve com seu olhar malvado, a minha coragem vacila. A raiva que sinto de mim mesmo cai sobre ela. Cubro-me então com piadas ofensivas e grosseiras. O que você quer, Paulo? É a coragem do desespero.

Mas ela, a incompreensível criatura, longe de se ofender, parece se satisfazer com as explosões do meu desprezo e raiva.

Ainda ontem, conversávamos indiferentemente quando se falou de uma moça, que amava seu primo a quem estava prometida e de repente tinha se casado com o filho de um rico capitalista. Você já sabe; a noiva era amargamente censurada; eu tomei sua defesa contra Julinha.

— Pois eu desculpo essa moça, D. Julinha: seu amor tinha talvez a coragem da morte, mas não tinha a coragem da pobreza. Há naturezas assim: os grandes sacrifícios as elevam, os pequenos as humilham. Eu não a desculparia se ela fosse rica e, em vez de sentir o orgulho de inspirar um amor capaz de resistir a essa sedução do dinheiro, se contentasse em comprá-lo... E nem só comprá-lo; mas acenar, como os unhas de fome, com o seu

---

<sup>13</sup> Judite: personagem bíblica que seduziu e matou o chefe dos guerreiros assírios com um punhal e fez com que os judeus ganhassem a guerra; Macbeth, um dos mais famosos personagens de Shakespeare, que, colocando punhais ensanguentados entre os criados do castelo, planta provas falsas para tomar o reino.

dinheiro, para ter o prazer incompreensível de humilhar o bando de adoradores, entre os quais ela afinal escolherá um marido...! Um marido pechinchado...!

Emília soltou uma risada; do alto de sua beleza, mais do que nunca soberana e radiosa, atirou-me um olhar imperial. Ergueu-se e não sei que majestade ela deu com esse movimento ao seu corpo, que parecia em cima de um trono. Eu me conservava de pé no mesmo lugar, com as costas apoiadas a uma árvore do jardim. Ela atravessou o espaço que nos dividia e veio a mim sorrindo, com o passo tão doce e lento que tocava de leve a areia, onde a orla de seu vestido mal roçava. Vendo-a aproximar-se tanto, eu me retraí contra a árvore para não tocá-la. Parou, enfim: estendendo o lábio, disse-me, com uma voz indefinível, uma voz onde havia tudo, ódio e amor, desprezo e ternura, meiguice e sarcasmo; uma voz que parecia canto, grito e soluço ao mesmo tempo:

— Que é isso, a não ser amor...? Ama-me ainda e mais do que nunca!

Voltou; e agora a borda de seu vestido se arrastava pela areia, e ela olhava sorrindo por cima do ombro, e de propósito se inclinava mais para torná-lo sujo de pó, como se fosse a minha alma desprezível que ela arrastasse assim pelo chão.

Firmei-me ao tronco da árvore com todas as minhas forças, porque o meu primeiro impulso tinha sido terrível. Eu não sei o que seria de mim se eu desse naquela circunstância um primeiro passo para essa moça. Fiquei ali imóvel, vendo-a de longe dar a volta entre os arbustos. De repente senti uma calma assustadora se derramar em minha alma: era alguma coisa como uma frieza moral, reação da grande cólera.

Tive necessidade de insultar essa moça.



## XIX

Volto de sua casa.

Que noite, Paulo! Que noite de ira foi esta para mim!

Cheguei ao Rio Comprido quase ao escurecer. Estavam todos no jardim. Depois de alguns instantes, Emília se ergueu e se afastou lentamente do grupo. A alguma distância, parou para colher uma flor, voltou-se e me olhou.

Aproximei-me; ela continuou seu passeio solitário pela chácara. Chegando à cerca onde as murtas<sup>14</sup> formavam um bosque largo em torno de assentos de pedra, voltou-se de novo para mim e sorriu. Como eu hesitava em segui-la, fez-me um aceno gracioso.

Sentamo-nos: eram seis horas da tarde; uma sombra luminosa de uma doçura imensa se derramava por aqueles lugares.

As vozes de Julinha e das outras moças que passeavam do lado oposto chegavam-nos através das folhas e da sombra com imensa suavidade.

Mas essa doçura da tarde, a beleza de Emília, os perfumes das flores, tudo que havia de suave ali me irritava; eu tinha a alma ferida, e não havia remédio, a não ser queimá-la, para cicatrizá-la.

Falei-lhe sem convicção, travado pelo amargo que brotava do coração.

— D. Emília, nós estamos representando o papel de duas crianças, atormentando-nos um ao outro e talvez servindo de tema à maldade dos outros. Ontem, a senhora acha que não ouviram suas palavras?

— Que as ouvissem...! Foi o senhor mesmo quem se denunciou...!

— Já lhe disse e repito, D. Emília, eu não amo a senhora... Nunca a amei...!

— Mentiu para mim, então...?

— Menti, confesso...!

— Acho antes que mente agora. A mentira é irmã do insulto.

— Desculpemo-nos um ao outro, D. Emília; ambos erramos; e, para que estas cenas não se repitam, eu quero ser franco. A

<sup>14</sup> Pequenas árvores.

senhora me fez uma vez, há tempo, sua confissão: quer ouvir a minha?

— Fale!, respondeu Emília com um tom de ameaça.

— Eu não sou inteiramente pobre, mas também não sou rico e tenho acima de tudo a ambição do dinheiro.

— Ah!, ela fez fechando as pálpebras e encostando a cabeça no recosto do banco para me ouvir, sem se perturbar.

Seu olhar, filtrado entre os cílios e partindo-se em mil raios, cintilava sobre o meu rosto, como o trêmulo brilho de uma estrela.

— O que vou lhe dizer é talvez humilhante para mim; mas eu me sacrifico!

— Muito agradecida! Isso me causa admiração — respondeu-me, inclinando-se com uma seriedade imperturbável.

— À exceção do comércio, a senhora sabe que não há no Brasil carreira alguma pela qual se possa chegar depressa... e honestamente, à riqueza. A minha mal dá para viver com decência. Portanto, sendo eu honesto... porque tenho medo da polícia e não gosto que me incomodem... sendo eu honesto, repito, só havia uma saída para a minha ambição... Adivinha qual?

— Suspeito; mas diga!

— O do casamento.

— É uma saída legal e fácil.

— Não tanto como lhe parece.

— Ora! Para o senhor...?

— Para mim, sim, senhora; porque, embora ambicioso, eu não estou disposto a sacrificar a minha felicidade em nome da riqueza; seria um absurdo, pois, se eu quero ser rico, é para ser feliz.

— E como pretende harmonizar isso? Deve ser curioso.

— É agora que eu preciso de toda a sua compreensão; vendo-a quando voltei da Europa, senti-me atraído pela senhora por uma inclinação que eu considereei amor; e essa inclinação... Não devo esconder coisa alguma para minha maior vergonha... essa inclinação aumentou involuntariamente quando soube que os negócios do Sr. Duarte tinham prosperado de tal forma que ele era, se não o maior, um dos maiores e mais sólidos capitalistas da praça do Rio de Janeiro... Não sei se deva continuar...!

Diva

— Por que não, doutor? Eu estou ouvindo-o com um prazer imenso!

— Mas eu tenho vergonha...

— É modéstia própria dos homens de talento, que sabem viver. Mas nós nos conhecemos...!

— Bem; eu continuo. Disse-lhe que a amava já muitas vezes, mas isso não era nada em comparação do que senti depois... Um dia, alguém, acho que um corretor, garantiu-me que o Sr. Duarte era nada menos que milionário... duas vezes milionário...

— Ah! Eu não sabia!

— Pois saiba que é. Viúvo, só com dois filhos... eu pensei... Então D. Emília tem um milhão de dote! Um milhão! Desde esse momento, meu amor não teve mais limites; tornou-se uma paixão digna dos mais celebrados heróis de dramas e romances. Como sua beleza então se tornou brilhante aos meus olhos...! Eu compreendi, nessa ocasião, os poetas que eu não tinha compreendido nunca e as suas comparações... Vi que seus belos dentes eram realmente pérolas; seus lábios, rubis; e seus olhos, diamantes da melhor água! Sua voz de prata tinha aos meus ouvidos essa melodia deliciosa, que nem Rossini nem Verdi<sup>15</sup> puderam ainda imitar, a melodia do ouro... do ouro, a senhora bem sabe, a lira de Orfeu<sup>16</sup> deste século...! Oh! Que paixão, D. Emília! Era um delírio... uma loucura... Foi então que eu não pude mais resistir e confessei-lhe que a amava!

Emília se levantou rápida:

— Ah!, compreendo agora!

Como fiquei ao ver aquela mulher, cheia de alegria e orgulho ali, em face de mim, eu que pensava tê-la afinal humilhado com meu frio sarcasmo.

— O que é que a senhora compreende, D. Emília?

— Que eu vivo em sua alma! E como o senhor não pode me arrancar dela, procura me rebaixar a seus próprios olhos e me humilhar para ter a força, que não tem, de me desprezar! O

---

<sup>15</sup> Gioachino Antonio Rossini e Giuseppe Fortunino Francesco Verdi, famosos compositores de música clássica.

<sup>16</sup> Na mitologia grega, Orfeu era conhecido como o poeta mais talentoso que já viveu. Com seu canto, conseguiu entrar no reino dos mortos para salvar sua amada, Eurídice.

senhor me ama e irá me amar enquanto eu quiser... e vai esperar aqui, a meu lado, até que chegue a hora em que me perca para sempre... Porque eu é que posso lhe jurar: não o amo, não o amei, não o amarei nunca...

A paixão, escondida por algum tempo, ergueu-se sem controle em minha alma e a jogou, como uma fera sedenta, para essa mulher. Toda a sujeira que o pecado original depositou no fundo do coração humano se revirou e extravasou.

Eu avancei para Emília; e meu passo duro e meu olhar abraçado deviam lhe causar terror.

— Pois bem!, eu exclamei com a voz surda e trêmula. — A senhora quer! É verdade! Eu a amo! Mas aquela adoração de antes, aquele culto sagrado cheio de respeito e admiração... Tudo isso morreu! O que resta agora neste coração que a senhora esmagou por divertimento, o que resta, é o amor brutal, faminto, coberto de ódio... é o desespero de se ver iludido e a raiva de querê-la e obrigá-la a me pertencer para sempre e contra sua própria vontade...!

— Eu o desprezo...!, respondeu-me Emília.

Era quase noite. A voz de Julinha soou no jardim, chamando a prima. Eu ia dar um último passo para Emília; hesitei.

— Fuja, senhora!

Ela não se moveu; ficou muda, enquanto os ecos da voz de Julinha continuando a chamá-la ressoavam ao longe. Quando o silêncio voltou e parecia que a prima tinha se afastado, ela veio se colocar na minha frente e, erguendo o corpo e cruzando os braços, enfrentou-me com o olhar.

— O senhor é um canalha!, disse com arrogância.

Fiz um esforço supremo; inclinei-me para beijar sua testa. Seu hálito passou em meu rosto como um sopro de sofrimento.

Ela havia atirado rapidamente para trás a cabeça, dobrando o corpo; e sua mão fina e nervosa castigou minha face sem piedade.

Quando dei por mim, Emília estava a meus pés. Sem sentir, eu tinha segurado seus pulsos e a colocado de joelhos diante de mim, como se quisesse esmagá-la. Apesar da minha raiva e da violência com que a ofendia, essa orgulhosa menina não soltava

Diva

uma queixa; soltei seus braços magoados, e ela caiu com o rosto sobre a areia.

— Criança...! E louca...!, murmurei me afastando.

Emília se arrastou de joelhos pelo chão. Apertou agitada as mãos, erguendo para mim sua divina face, que o choro molhava.

— Perdão...!, soluçou a voz macia. — Perdão, Augusto! Eu te amo...!

Seus lábios úmidos das lágrimas pousaram rápidos na minha face, onde a sua mão tinha tocado. E ela ali estava diante de mim e sorria submissa e amante.

Fechei os olhos. Corri com medo, fugindo, como de um fantasma.

## XX

“Sim, Augusto, eu te amo...! Já não tenho outra consciência de minha vida. Sei que existo, porque te amo. Naquele momento, de joelhos, a teus pés, essa grande luz encheu meu coração. Acabava de te ofender de forma cruel; detestava-te com todas as forças de minha alma; e de repente todo aquele ódio violento e profundo fez-se amor! E que amor! Desde então me sinto como inundada por este imenso prazer de amar. Minha alma é grande e forte; guardei-a até agora virgem e pura; nem uma emoção a cansou ainda. Entretanto, tenho medo de que ela não baste para tanta paixão. É preciso que eu derrame em torno de mim a felicidade que me esmaga. Por que fugiste de mim, Augusto? Segui-te repetindo mil vezes que te amava; confessei-o a cada flor que me cercava, a cada estrela que brilhava no céu. Minha alma vinha aos meus lábios para voar para ti nestas abençoadas palavras: eu te amo! Tudo em mim, meus olhos cheios de lágrimas, minhas mãos que suplicam, meus cabelos soltos, se tivessem uma voz, falaria para te dizer: Ela te ama!

Beije na areia os sinais de teus passos, beije os meus braços que tu havias apertado, beije a mão que te ofendera num

momento de loucura e os meus próprios lábios que tocaram tua face num beijo de perdão. Que delícia suprema, meu Deus, foi para mim a dor que me causavam os meus pulsos magoados pelas tuas mãos! Como abençoei este sofrimento...! Era alguma coisa de ti, um impulso de tua alma, a tua raiva e ira, que tinham ficado em minha pessoa e entravam em mim para tomar posse do que te pertencia. Pedi a Deus que nunca apagasse esse vestígio de tua ira, que tinha me santificado como uma coisa tua!

Vieram me encontrar mergulhada assim na minha felicidade. Perguntaram-me; porém eu só ouvia os cantos de minha alma cheia das melodias do meu amor. Não falei a ninguém, com medo de profanar a minha voz, que eu respeito depois que ela te confessou que eu te amo. Não deixei que me tocassem para não ofenderem o que é teu.

Quero me guardar toda só para ti. Vem, Augusto: eu te espero. A minha vida terminou; começo agora a viver em ti. Tua Emília.”

São onze horas.

Recebo agora essa carta, aqui na cidade.

Quando fugi ontem de Emília, tinha tão grande terror de mim mesmo que não me animei a ficar no Rio Comprido. Acabando de ler o que ela me escreveu, pedi a Deus que me desse coragem para resistir:

— Senhor! Vós sabeis que eu não devo amar essa mulher! Seria uma desonra...!

Achei Emília sentada em uma cadeira, absorvida em seu pensamento. Vendo-me, toda essa bela criatura deu um só e encantador sorriso para cair aos meus pés, anunciando sua alma nestas palavras impulsivas:

— Eu te amo, Augusto!

Depois continuou repetindo uma e muitas vezes a mesma frase, como se estudasse uma modulação de voz que pudesse exprimir quanto havia de sublime naquele grito da alma.

— Sim! Eu te amo...! Eu te amo...!

Eram as notas da harmonia celeste que seu coração vibrava, como o rouxinol canta na primavera e as harpas de Éolo<sup>17</sup> soam ao sopro de Deus.

<sup>17</sup> O deus dos ventos na mitologia grega.

Diva

Quando ela libertou sua alma desse entusiasmo da paixão, eu lhe falei:

— Mas reflita, Emília. A que nos levará esse amor?

— Não sei...!, respondeu-me com indefinível pureza. — O que sei é que te amo...! Tu não és só o juiz supremo de minha alma, és o motor de minha vida, meu pensamento e minha vontade. És tu que deves pensar e querer por mim... Eu...? Eu pertenço a ti; sou uma coisa tua. Podes conservá-la ou destruí-la; podes fazer dela sua mulher ou sua escrava! É o teu direito e o meu destino. Só o que tu não podes em mim é fazer que eu não te ame!

Enfim, Paulo, eu ainda a amava!

Ela é minha mulher.